

ASSIGNATURAS
 ANNO..... 20\$000
 SEMESTRE.. 12\$000

Numero avulso, 500 rs.

OS ANNAES

Escritorio e Officinas
 25, RUA DE S. JOSÉ, 25
 APPARECE A'S QUINTAS-FEIRAS

SEMANARIO DE LITTERATURA, ARTE, SCIENCIA E INDUSTRIA

SECRETARIO — WALFRIDO RIBEIRO

DIRECTOR — DOMINGOS OLYMPIO

GERENTE — J. GONZAGA

CHRONICA POLITICA

Todos os dias, ao romper da anhora, repercutem nas abundantes informações telegraphicas as aclamações, as zumbaias, as festas e o foguetorio que vão acolhendo o futuro presidente da Republica, em viagem triumphal através dos territorios dominados pelas olygarchias, deixando uma luminosa esteira de aérolitho em caliginosa atmosphera. E contemplamos de longe, num extase de subditos humildes, varados de ternura, essa deslumbrante carreira de astro no apogeu de omnipotencia gloriosa.

Até chegar ás plagas cearenses, s. ex. encontrou tudo numa ordem admiravel revivendo o sonho da idade de ouro, governos incomparaveis, governados felizes, orgulhosos do pezo que lhes opprime os hombros, tudo numa deliciosa paz paradisiaca, inalteravel como a convivencia bemaventurada dos anjos com Deus.

Mas s. ex. váe apreciando o exterior, a superficie ornamentada com os mais suggestivos artificios, ocultando a dolorosa verdade, como succedia quando o Imperador fazia excursões pelo interior, nas zonas entregues ás olygarchias da escravatura. Os troncos, as masmorras, os rêlhos, todos os instrumentos de supplicio, destinados a manter submissa a desditosa raça de páriás, eram cuidadosamente escondidos; os escravos se apresentavam trajando roupas domingueiras; as senzalas infectas estavam ornadas de palmas, de ramos, de flôres, para darem a impressão da suavidade do jugo dos senhores humanitarios, paternaes; o ribombar das roqueiras suffocava, nas quebradas alcatifadas pelos jasmíns dos cafezaes, os rumores sinistros do eito, os gemidos arrancados dos infelizes pelo chicote dos feitores barbaros, todos os echos da melopéa dantesca do trabalho sem salario, regado de sangue, aljofrado de lagrimas.

A' perspectiva dessa clemencia, a visão imperial se deslumbrava; os senhores se lhe deparavam instrumentos providenciaes da prosperidade do paiz, eminentemente agricola, dependente de um mal necessario; as idéas humanitarias de libertação dos captivos se antolhavam inoportunas e se adiava a refórma que deveria emancipar o Brazil dessa infame macula.

Toda a nossa historia foi escripta com essa tinta magica da illusão, sob a inspiração do aulicismo, transformado, agóra, pelos requintes de subserviencia sem fidelidade, em *engrossamento*. Nós nos deshabituámos ao fulgor da verdade com os seus clarões incommodos para a retina dos que vivem na treva propicia ás explorações dos erros e dos crimes ou sob os ouropeís da hypocrisia.

**

A imaginação do sr. Affonso Penna foi impressionada pela imponencia do quartel da força estadual, composta de cerca de oitocentos homens, prodigamente remunerados, vistosamente fardados, succulentamente alimentados, deduzindo desse quartel magnifico, dessa força poderosa, o patriotismo, o talento administrativo, as qualidades de alcandorado estadista do presidente do desventurado Estado do Ceará.

Essa legião de soldados, essa guarda pretoriana é, na verdade, o nervo do fecundo estadista; para ella convergem toda a sua solicitude, todos os seus carinhos; ella representa o braço inexoravel, o instrumento cego disciplinado aos caprichos, aos interesses da politicagem; ella é a instituição basica, a pedra fundamental da olygarchia, o unico apoio do seu prestigio. Era, portanto, logico que se lhe dêsse o sumptuoso abrigo de um quartel incomparavel, infinitamente melhor do que todos os quartéis da União. Era natural que se não poupassem sacrificios para o bem estar

dessa milicia; que ella absorvesse mais de metade das rendas estadoaes, cujas sobras ridiculas, deduzidas as despezas com o funcionalismo da familia, são applicadas, *pro formula*, á instrucção, á hygiene, aos melhoramentos materiaes.

Essa força, essa legião formidavel é a alma da olygarchia, deve ser cuidada, tratada com todos os desvelos do instincto de conservação.

Como um contraste pictoresco, s. ex. deveria ter reparado no quartel da força de linha, a primeira construção monumental erguida ao primeiro passo dos visitantes da formosa cidade, conservada, melhorada pela iniciativa operosa do intendente municipal. Esse quartel, um dos melhores do Brazil, está abandonado, porque a politica do satrapa cearense tem um pavor supersticioso dos soldados do exercito nacional. O governo do sr. Campos Salles, o governo do sr. Rodrigues Alves privaram systematicamente a capital do Ceará de uma guarnição, nem mesmo puderam estabelecer alli um sanatorio para os soldados heroicos, enfermos nas inglorias expedições da Amazonia, entregues á administração que reproduziu com peiores detalhes os governos coloniaes.

Esse quartel está ameaçado de ruina, devorado por todas as molestias do abandono, porque o governo federal satisfaz todas as exigencias da satrapia, avêssa ao simples cheiro de uma guarnição federal.

Em compensação absurda do extase do futuro presidente pelo quartel e pela milicia accyolinos, s. ex. soffreu no açude do Quixadá uma decepção, aliás logica, porque aquella obra colossal, capaz de ser um titulo de honra e renome para a engenharia de qualquer paiz culto, é uma excrescencia no coração do sertão adusto, conservando na superficie escabrosa os dolorosos vestigios de uma série de calamidades.

S. ex., partidario dos grandes empreendimentos, das grandes linhas de penetração, perfurando a America do Sul, escalando os Andes, ligando os oceanos, como no victorioso sonho de Lesseps, não pôde comprehender a utilidade de um açude quasi vazio, um açude que não transbordou.

Deveria o emerito estadista considerar que, construido aos pedaços com reduzidos creditos annuaes, esse açude não podia reprezar todas as aguas das chuvas que tem sido escassas no ultimo periodo de dez annos; que a enorme despeza de cinco mil contos teria sido consumida em esmolas, si não fôsse applicada áquella obra de indiscutivel utilidade, de effeitos permanentes, que a agua represada é relativamente pequena, mas tem servido á irrigação, á producção e conservação de abundantissimo peixe para alimento da população da zona circumjacente.

Palpita-nos que o sr. Affonso Penna auferiu a sua impressão das suggestões do satrapa cearense, que não pôde ainda, apesar de toda a manha, de todos os esforços, encorporar aquelle açude ao patrimonio da immensa familia reinante.

No dia em que o Governo Federal abrir mão daquella obra benemerita, ella cairá nas unhas dos apaniguados, formará uma dependencia do syndicato de carnes verdes, que passará a negociar com o peixe do açude como já explôra gananciosamente o peixe do mar.

Estava alli, felizmente, um preclaro representante da engenharia brasileira, o sr. Aarão Reis, para dar com a eloquencia da sciencia e do patriotismo, um formidavel *contra* aos botes da ganancia insaciavel.

POJUCAN

REMINISCENCIAS DA FRONTEIRA

PELO RIO NEGRO: A VAPOR, A REMO
E Á SIRGA

Depois de 27 annos, é difficil conservar na memoria, com exactidão, os numerosos detalhes do roteiro da lancha *Araujo* durante a travessia emocionante pelas dez leguas de cachoeiras do Camanáu para cima. Felizmente ainda conservo, embóra já meio apa-

gado, pois o escrevi a lapis, hora por hora, com as peripecias da viagem, á medida que se iam desenrolando.

Transcrevo aqui essas notas, que talvez possam ser uteis aos que quizerem fazer a mesma viagem e não tenham a sorte de se lhes deparar um pratico tão excellentes como o velho Manoel Pedro, que a esta hora talvez já tenha deixado de existir, não obstante a longevidade proverbial dos indios daquela secção accidentada, pictoresca e saudavel do rio Negro.

* *

SABBADO, 16 DE AGOSTO DE 1879

Pela madrugada, mandei accender a fomalha, e ás 7 horas a lancha estava prompta, com o manometro marcando a tensão maxima de 60 libras. Suspendemos e subimos costeando a margem esquerda. Passámos, a vapor e á espia, a ponta de Uiricuy, donde cruzámos para o remanso da ilha Apgaua, que defronta com a cachoeira do Cahacury. Baixou tanto a pressão, que foi preciso parar. Quando marcou 45 libras, largámos contra a corrente. Durante alguns minutos, a lancha deteve-se anhora, luctando de balde, até que foi vencida e levada, aguas abaixo, até o remanso dum rochedo, que apenas se poderia divizar pela sombra, mas que o Manoel Pedro bem conhecia apesar de submerso. Si não fôsse o seu sangue frio e pericia e nos tivesse faltado o benefico remanso, teríamos sido arrastados e nos despedaçado contra os rochedos de Camanáu.

Alguns indios saltaram sobre a pedra e aguentaram a *Araujo* até o manometro subir a 60. Mesmo assim, com a maxima pressão, só a muito custo conseguimos attingir o remanso de Buredabáni, á margem esquerda, donde subimos auxiliados pela sirga e a toda força até chegarmos ao ponto conveniente para atravessarmos o remanso da ilha Mary. Dahi passámos para a ilhota proxima e della para a margem direita, logo abrixi do sitio denominado *Justiça*, onde tivemos de augmentar a pressão. Atravessámos para as ilhas Andirá e outra que lhe fica proxima e fronteira. Depois, subimos por um paraná-mirim entre a terra firme e a ilha Pacará. A pressão baixou muito e a lancha mal podia conter-se naquellas aguas correntosas. Parámos para augmental-a no remanso duma forte corredeira abaixo do sitio Andirá. Passámo-la com 60 libras e duas espias.

Costeámos a ilha Guatafa e para a Conory, em frente á Bahú. Da ilha Conory atravessámos para a Cariary e della para a Uacú. Da ponta superior desta ilha, aproámos para a margem direita, onde nos detivemos num remanso até a pressão subir. Seguimos

costeando essa margem até atravessarmos para a ponta de baixo da ilha Carapanã. Navegámos ao longo de toda a sua costa e passámos para uma ilhota que lhe fica a montante e dahi atravessámos para a margem direita, onde ficámos parados até que a pressão da caldeira nos permittisse proseguir.

Tínhamos á direita a grande cachoeira de Tapajós, cujos estros e despenhos são mais ruidosos e prolongam-se mais, junto á margem esquerda. O Manoel Pedro conhecia, como ninguem, todas aquellas aguas revoltas, e sabia tirar o maior proveito do seu jogo e da direcção que levavam. Muitas vezes, para não perder o auxilio do remanso duma pedra que só elle via pela sombra, que escurecia a espumarada turbulenta, mandava largar as espias, e as canôas da indida desciam aos trambolhões, numa carreira vertiginosa, e a manobra era recebida pelos tripolantes affeitos áquellas luctas, com applausos e risadas.

Bôa e forte gente aquella, que não tem igual, quando se trata de desenderar, num mergulho, a espia preza nas pedras da cachoeira ou levar uma canôa através das suas furias.

Grande trabalho tivemos na Tapajós, que só pudemos vencer a vapor e á sirga. Parámos depois num roçado recentemente queimado para fazer lenha. Estavamos bem defronte da ilha Acará. Toda a gente trabalhava com ardor, e em pouco tempo a *Araujo* ficou atopetada de tóros pequenos de madeira de lei. Atravessámos para a ilha e amarrámos no porto do sitio do Belisario.

Já o sol ia se pondo e o tempo renunciava-se esgarrão. A' noite, desabon um temporal, com relampagos e forte trovoadas. Quando amainou, já muito tarde, as sanefas abaixadas da camara de ré continuaram a agitar-se ao sopro cortante de um vento frio, que nos fazia tiritar, a despeito do bom cobertor de lã que nos abrigava. Estavamos no coração da zona torrida, apenas dez minutos ao sul do equador.

* *

DOMINGO, 17 DE AGOSTO

Muito cedo, antes do sol nascer, estavamos lesto para partir, mas não foi possivel largar, porque denso nevoeiro subia do rio e da massa encharcada, deixando apenas em torno de nós um apertado horisonte de um raio de cem metros, quando muito. O circulo diminuia a olhos vistos e, pouco tempo depois, mal se podia enxergar além da prôa. E' um phenomeno bastante frequente, o dessa cerração matinal. Sómente ás 9 horas, dissipou-se e o

rio appareceu em todo o esplendor da sua belleza selvagem.

Amarrou-se uma espia acima dos fortes rapidos da ilha Terceira, que vencemos com bastante difficuldade. O homem parecia haver transmitido á pequena lancha a confiança no bom exito da sua empreza e ella venia gallhardamente esses lances perigosos, como si já fôsse desde muito affeita a elles. Da Terceira passámos para a Taiábo e para a Jauacáca, que estava dividida em tres, por estar o rio em meia enchente. Costeámos a primeira destas ilhotas, passámos para a segunda e para a ultima, donde atravessámos para a ilha de Áfaro, indo parar na cachoeira das Furnas.

Passam-na as embarcações de pequeno porte puxadas á espia pelo estreito canal, que corre vertiginoso e em rude despenho, tendo de um lado a penedia da costa firme, que as aguas aluiram e fizeram desmoronar-se formando os algares que lhe deram o nome; e do outro, um grande rochedo, emergindo negro e fendido das ondas espumantes que o envolvem como grinalda de flores alvissimas açoiadas pela tempestade.

A lancha não poderia passar pelo estreito canal. Era preciso leval-a por fóra. Mandeí fazer uma picada por onde os meus indios pudessem livremente alar as espias e manobrar.

Emquanto derrubavam, desci numa das montarias até á cachoeira do Uainamby, onde luctava um batelão da commissão, carregado de viveres.

Subi a um penedo e do cimo assistia com interesse aos inauditos esforços da tripolação, que mandei reforçar com alguns da minha gente.

Distraí-me, escorregnei nos musgos resvaladiços; debalde, procurei apurar-me e despenhei no seio dos redemoinhos, que passavam nos seus gyros mortaes.

Em poucos instantes, fui arrebatado para bem longe da costa. Deixava-me levar, forcejando apenas para manter-me na superficie e desviar-me das pedras. Era então bom nadador, tinha o braço forte e a mente calma. Não me perturbei. Descia com immensa velocidade e buscava um remanso onde pudesse abrigar-me, quando me passou, rente, como uma flecha, a prôa esguia e negra duma canôa e senti-me agarrado pela góla por uma mão grande e forte, que me ergueu e puxou para dentro.

Era o José Piratapuya, indio do rio Uaupéz, que acabava de me salvar. Apertei-lhe a dextra calosa e dei-lhe um abraço amigo, que recebeu com a indifferença da sua raça.

Gastámos na pequena canôa muito tempo, para remontarmos a rapida corrente e alcançarmos o remanso, onde nos esperava a *Araujo*, arfando

de impaciencia por transpôr mais aquelle formidavel obstaculo da cachoeira das Furnas.

Custou muito esforço; mas o Manoel Pedro, mestre abalisado, que sabia aproveitar-se habilmente da calma rapida em que as cachoeiras pareciam cair para repouzarem um instante e levantarem-se de novo em estos furiosos.

Erecto, junto ao leme, manobrava o vaporsinho, como si lhe fôsse injectando nos orgãos de ferro a resolução de ir adiante e a confiança no bom exito.

Os indios pareciam sentir grande prazer, apezar da sua indifferença apparente, cada vez que a lancha superava um passo mais perigoso.

Acima das Furnas, está Itápinima, que significa, em nheengatú — *pedra pintada*.

Proveio-lhe o nome de um rochedo, de fórma pyramidal, que emerge do rio, proximo á margem esquerda, e onde se vê gravada uma inscripção em caracteres desconhecidos, que mais parecem desenhos em fórma de grego, que alli deixaram em tempos remotissimos.

Passada a cachoeira, caímos no remanso da ilha Máua, donde fizemos prôa para o sitio de Camaiaua, que demora fronteiro á ilhota do Arúti, acima dos rapidos de Cauébani.

De vez em quando, iamos parando o tempo necessario para augmentar a pressão.

Continuámos sempre ao longo da margem esquerda e, pouco antes de anoitecer, amarrámos num remanso abaixo da cachoeira de Guaiaby.

A noite foi tempestuossima. Os raios cruzavam as trevas em zigzagues, e a lancha de ferro, sem um pararaio, jogava como em mar encapellado.

* *

SEGUNDA, 18 DE AGOSTO

Depois de procellosa tempestade... traz a manhã serena claridade...

Foi o que aconteceu. Depois de fazer lenha, porque a que tínhamos fóra hontem toda consumida, largámos com prôa para Uanáry.

Até ao meio do rio, seguimos no mesmo rumo e depois mudámos de direcção para a ilha do «Maximo»; entrámos no remanso da ilha do Rei e navegámos entre ella e a margem esquerda. Da ponta superior da ilha, avistámos ao longe o porto desejado de S. Gabriel.

Atravessando para a margem esquerda, descaímos um pouco porque a correnteza era muito forte e fômos saír proximo á barra do igarapé Jasi-mabe. Dalli para cima, até á Praia

Grande, que está abaixo da grande cachoeira de Canecúí, a viagem foi facil, porque as aguas nos ajudavam nos remansos.

Em pouco tempo, chegámos ao porto. Estavam vencidas seis leguas da zona encachoeirada. Faltavam sómente quatro; mas alli, nessas restantes, estavam as duas maiores barreiras que o Rio Negro levanta á navegação do seu longo curso: Cunecúí, logo acima de nós e cujo ruido nos ensurdecia, e Fortaleza, mais acima ainda, nos limites do povoado.

O Candido Alencastro, sub-chefe do fornecimento, e o 2º tenente Barbosa, commandante do destacamento, receberam-nos com salvas de roqueira e foguetes do ar.

Na casa da commissão, estava hasteada no tópe do mastro a bandeira nacional. Os indios viam-nos indifferentes e nem tiveram a curiosidade de visitar aquella embarcação que se movia sem remos, nem velas ou varejão, e que a maior parte nunca tinha visto.

Tambem não manifestou o mais ligeiro signal de satisfação, pelo acontecimento, que não podia deixar de ser auspicioso para aquella região, o velho Aguiar, o ricoço da terra.

Isto, porém, não me admirou. Aquelles homens do Rio Negro, inclusive as auctoridades ás quaes foi pelo Governo recommendada a commissão, com raras excepções, fizeram-nos uma guerra disfarçada e surda, mas sem tréguas.

Suppondo-se prejudicados nos seus negocios com a nossa presença naquellas paragens, onde dominavam como senhores de barão e cutello, escravizando, a seu bel prazer, os pobres indios ignorantes e de meiga indole, espalharam entre elles, que a commissão de limites vinha em tom de guerra, recrutando os homens, matando os velhos e raptando as moças. O tapuya, credulo e tímido, fugia de nós e abandonava os povos, que achavamos sem gente. Si encostavamos a algum sitio e não havia tempo de fugir, um homem mais resolutivo vinha receber-nos no porto, emquanto os cunhãs e os curumys fugiam para o matto pela porta do fundo. Si viamos alguma gallinha e queriamos compral-a, respondia-nos invariavelmente:—não tem, isto aqui é muito faminto; lá para cima, é melhor: ha muito.

Custou-nos immenso convencel-os da calunnia assoalhada. Os regatões lhes diziam que nos abandonassem; e mais de uma vez fugiram das nossas canôas, deixando-nos na praia sem remeiros.

Nos dias de pagamento, quando iam com a bôa moeda do seu salario comprar algum objecto nas tendas de ne-

gocio, dizia-se-lhe muitas vezes que o nosso dinheiro nada valia. Foi por isso que nos vingámos.

A commissão mandou comprar em Maranhão e Belém os objectos de que os indios são mais cubiçosos, como facões, machados, facas, espingardas, polvora, chumbo de caça, espoletas, chitas, chapéos, missangas, espelhos, enchadas, canivetes, isqueiros, phosphoros, camisas e calças, e os dava em pagamento pelo preço do custo.

Assim conseguimos convencer os de que eram roubados pelos seus patrões, que enriqueciam especulando torpemente com a sua ignorancia.

DIONYSIO CERQUEIRA.

APANHADOS

O fim dum lago O lago Tchad, vestigio do immenso mar do interior da Africa, apresenta verdadeiros signaes dum desaparecimento proximo. O capitão Tilho, membro da missão de delimitação franco-inglesa Niger-Tchad, confirmou recentemente que, depois das explorações de Barth e de Nachtigal, a fórma e a superficie daquelle lago se tinham modificado extraordinariamente. Só a superficie diminuiu, em 50 annos, mais de um milhão de hectares. As areias, no lado este, invadiram o lago e as dunas avançaram para oeste; ao mesmo tempo, as infiltrações exgotam o interior do Tchad. Além disso, durante as seccas, as plantas nascidas nas aguas morrem e os seus *humus* determinam a formação de ilhas e archipelagos no lago. Actualmente a navegação não é possível sinão em pequenas embarcações, e essas, a cada instante, se prendem nas margens enlameadas do lago, constantemente cheias de plantas aquaticas. Quando a embarcação se mette por entre os ramos intrincados, só depois de grandes difficuldades é que sae. O lago Tchad váe, aos poucos, desaparecendo, e muito breve estará transformado numa vasta região pantanosa.

**

Uma façanha pouco banal Em Odessa, um *chauffeur* intrepido, o sr. Petersen, praticou ultimamente uma proeza extraordinaria. Subiu num automovel, com marcha muito demo-

rada, os numerosos degraus da celebre escada construida pelo duque de Richelieu, o verdadeiro fundador de Odessa. Aos olhos da multidão que correu de toda a cidade para admirar a sua coragem e o seu sangue frio, verdadeiramente excepcionaes, o sr. Petersen terminou com successo a sua perigosa experiencia.

**

A rapidez dos trens Os trens mais rapidos dos Estados Unidos são os que vão de Candem, aldeia que fica defronte de Philadelphia, na margem opposta do Delaware, á estação balnearia de Atlantic-City. Pela linha directa, a distancia é de 90 kilometros, e a viagem dura 50 minutos; pela linha da Pensylvania, o trajecto, augmentado com 4 kilometros, dura 54 minutos. Nos dois casos, uma rapidez de 104 kilometros e 5 metros por hora. Os maiores trens rapidos de longo percurso são os que vão de Nova York a Chicago. Pela Pensylvania: 1.457 kilometros em 18 horas ou 81 kilometros por hora e pela New York Central: 1.578 kilometros em 18 horas tambem ou 87 kilometros por hora. Esses trens carregam sómente 200 a 250 toneladas e quatro ou cinco carros. A maior parte dos trens rapidos tem uma carga bem forte: 400 a 500 toneladas para oito ou dez carros. A sua rapidez commercial tambem não passa de 75 kilometros. Um trem regular, nos Estados Unidos, occupado pelos membros do Congresso Internacional dos Caminhos de Ferro, em Washington, pezando 410 toneladas, correu 96 kilometros por hora; trens especiaes de cinco carros, com um pezo de 211 toneladas, attingem a 121 e a 127 kilometros em 60 minutos.

Na França, o rapido Calais-Paris cobre uma distancia de 298 kilometros em 3 horas e 40 minutos, com uma rapidez commercial de 81 kilometros por hora; o de Côte d'Azur Rapide corre 1.087 kilometros em 13 horas e 50 minutos, ou 78 kilometros por hora. Mas alguns trens, em certas regiões, fazem 120 kilometros.

O trem mais rapido da Inglaterra é o que váe de Londres a Plymouth, fazendo 359 kilometros em 4 horas e 25 minutos, com uma presteza de 89 kilometros por hora.

O consumo do tabacó Segundo a repartição de estatistica do commercio e do trabalho, nos Estados Unidos, estão aqui, pela ordem do consumo, por anno, em milhões de libras, os diversos paizes do mundo que mais gastam tabaco: Estados Unidos, 440; Allemanha, 201; Russia, 150; França, 84; Inglaterra, 83; Austria, 78; Hungria, 47; Belgica, 44; Italia, 34; Mexico, 18; Australia, 16; Canadá, 15.

O consumo médio annual, por habitante, é este, pouco mais ou menos: 6 libras para a Belgica; 5 para os Estados Unidos; 3,5 para a Allemanha; 3 para a Austria; 2 para a França; 1 para a Italia. Emfim, pelo producto de venda, a França occupa o primeiro logar com 81 milhões de dollars. Depois, véem os Estados Unidos, com 65 milhões; a Inglaterra, com 63; a Russia e Allemanha, com 16, etc.

**

O ensino na Inglaterra A Universidade de Oxford creou uma cadeira de anthropologia e um diploma correspondente a este ensino; apesar da opposição que esta innovação tem encontrado, as universidades inglesas entram assim na via dos diplomas especiaes e da sciencia utilitaria. Ao mesmo tempo, o conselho do King's College recebeu da corporação dos fabricantes de panno em Londres, um donativo de 12.500 francos para a conservação do laboratorio de physica nesse estabelecimento, e a Universidade de Londres teve 250.000 francos da Goldsmiths Company para contribuir para a fundação dum instituto de sciencias medicas.

**

Um poeta suisso Meinrach Leinert, o poeta popular da Suissa allemã, publicou um novo livro de versos no dialecto campones com um titulo bem exquisito: *Jualienis Schwäbelpfyffi*. Nesse livro, duma tão doce poesia, Lienert brinca com os meninos, vive e canta com o povo; o espirito do auctor está vivo e forte e a sua lingua bella, rica e colorida.

**

A mulher na musica Um critico allemão pergunta porque a mulher, até agóra, ainda não compoz uma

grande obra musical, quando ella é a inspiradora de tantas musicos sublimes. O desenvolvimento intellectual da mulher será muito novo e, para isso, talvez ella não tenha bastante confiança no seu poder creador e não queira emprender uma tal obra. A razão está bem evidente, diz o articulista allemão, porque a mulher não tem preparo tecnico. Ella pôde ser uma perfeita interprete, cantora, pianista, violoncellista, mas uma compositora, não. E que falta para a mulher ser uma compositora aprimorada? A imaginação e o conhecimento da harmonia; a imaginação está distribuida indifferentemente tanto aos homens como ás mulheres, mas uma senhora não leva nunca até ao fim os seus estudos de contraponto. O trabalho é para ella muito penoso sem duvida; e, ás vezes, não é encorajada pelos primeiros resultados, que nem sempre são lisongeiros.

* * *

O cosinheiro do cardeal Merry del Val

Nesta secção, num. 85, anno III, dos *Annaes*, já se falou do «requinte luculiano» da meza do cardeal

Merry del Val, secretario de Estado do Vaticano. Agóra, com uma noticia que nos chegou posteriormente, é interessante, mesmo muito importante... informar que o chefe da cosinha do cardeal ganha, por anno, apenas trinta mil liras.

Todo esse luxo, o principe da Igreja preciza de o exhibir para contrastar com a modestia do papa e para encarecer, cada vez mais, a honra, tão desejada, que elle dá ao seu «proximo» convidando-o a sentar-se á sua «munificente» meza.

ESTYLOS EM ARCHITECTURA

ESTYLO ROMANO

Ao lado de S. Bernardo, surgiram Alexandre de Hales, Alberto Magno, S. Boaventura e Ricardo Middleton, todos elles combatendo fortemente a festa da Conceição com argumentos energicos e convincentes.

Alberto Magno, em demonstração esmagadora, taxou o culto de heresia, porque, evidentemente, feria de frente a universalidade do peccado original, cuja unica excepção é o Christo e, dahi, como consequencia logica, a annullação da unidade da redempção.

Reforçando a opposição desses escolasticos do seculo XIII, eminentes representantes do catholicismo, surgiu a figura extraordinariamente sympa-

thica do erudito doutor da igreja, S. Thomaz de Aquino.

Este sabio theologo assim se exprimia: «Si a alma da Santissima Virgem nunca tivesse sido contaminada pelo peccado original, viria derogada a dignidade de Jesus Christo, sendo como é Salvador Universal de todos os homens. (1)

S. Paulo dizia: «Todos somos culpaveis em Adão; só Jesus Christo foi isento do peccado, que essencialmente repugna á sua natureza. (2)

Santo Irineu, no seu livro *Contra a heresia*, diz como S. Paulo: «Só Jesus Christo foi isento do peccado.» (3)

S. Cypriano, na apistola ácerca do baptismo das creanças, diz: «... ninguém, excepto Jesus Christo é isento da mancha do peccado original, nem ainda mesmo a propria mãe do Redemptor do mundo. Só Jesus Christo é isento da lei do peccado, embóra tenha nascido duma mulher que tinha sido sujeita ao peccado.»

Santo Agostinho diz terminantemente: «O corpo de Maria foi concebido na concupiscencia, porém esta não teve parte alguma na geração do filho, que Maria concebeu sem concupiscencia.»

S. Fulgencio, no livro *Da encarnação e da graça de Christo*, cap. VI, diz: «O corpo de Maria, que foi concebido na iniquidade, tendo sido formado pelo meio humano da geração, foi, certamente, uma carne de peccado.» Santo Anselmo de Cantorbery diz tambem: «Posto que a conceição de Jesus Christo fôsse pura e isenta de peccado, que anda inherente á concupiscencia carnal, em todo o caso a Virgem, donde foi tirado o corpo de Jesus Christo, foi concebida na iniquidade; sua mãe concebeu-a no peccado, e ella foi ré do peccado original.»

«Em meados do seculo XIII, escrevia S. Boaventura: Si a Virgem não tivesse incorrido na culpa, não seria remida pela morte de Jesus Christo, proposição que não pôde ser avançada sem horror e sem impiedade.

«Desta opinião haviam sido explicita ou implicitamente, S. Paulo, Origenes, Santo Athanasio, Santo Ambrosio, S. Gregorio de Nyza, Santo Hilario de Poitiers, S. João Chrysostomo, Santo Agostinho e S. Bernardo.

«S. Thomaz escreveu: A Bemaventurada Virgem Maria incorreu na macula do peccado original, porque foi concebida pela união carnal dos dois seres. Além disso, si tivesse sido isenta de culpa, não carecia de ser remida por Jesus Christo, o que não pôde dizer-se sem offensa para o mesmo Jesus Christo.

«Professavam a mesma doutrina: Pedro Lombardo, Alexandre de Hales, Guilherme de Auxerre, Durando bispo de Meaux, João de Pouilly e João de Bolonha.» (4)

Santo Ignacio de Loyola, fundador da ordem dos Jesuitas, acompanhou as opiniões de S. Thomaz de Aquino, e durante muitos annos fez opposição ao privilegio, segundo testemunhou o papa Paulo III.

Estava assim travada a discussão dentro do proprio campo da Igreja e sob as abobadas do Vaticano.

Por outro lado, auctorizados escriptores catholicos, e entre elles Alvarez Pelago, em 1340, adversario decidido do privilegio, secundavam a maneira de sentir de S. Bernardo, S. Thomaz de Aquino e S. Boaventura, reforçando as argumentações de illustres genios que no jornalismo de Paris davam combate sem treguas ao dogma da Immaculada Conceição.

As opiniões e escriptos desses homens de saber e illustração, abalaram fundamente a opinião do clero romano, obrigando a intervenção medianeira do papado, escolhido arbitro nessa questão secular que dividiu a christandade catholica em dois grupos antagonicos; de um lado, os *marinistas* representados pelos *jesuitas* e *franciscanos*, sustentando o culto da Immaculada; de outro, o clero adepto das opiniões dos pontifices *Innocencio III* e *Clemente VI*, além dos *dominicanos* e quasi todas as outras ordens sacras, combatendo o privilegio.

O soberano pontifice, porém, apoiou a opinião dos franciscanos, apesar da inferioridade dessa ordem, quasi isolada, e, por isso mesmo, em incontestavel minoria numerica.

Os dominicanos submetteram-se, em obediencia respeitosa, á decisão suprema, verificando, comtudo, a victoria moral de suas opiniões, manifestada eloquentemente nos applausos quasi unanimes do publico e da ordem. Foi assim consumada a vontade do pontifice e nesse dia ruiram por terra os dogmas catholicos da *universalidade do peccado original, da redempção e da unidade da encarnação.*

O papa sancionou o privilegio mandando celebrar a festa da Immaculada Conceição com pompa desusada, em sua capella de Avinhão; essa sancção, comtudo, continuou a encontrar seria opposição por parte da população em geral, que appellidava de *heresia a opinião franciscana*, obrigando o papa Xisto IV, em 1483, a prohibir severamente, sob pena de excomunhão, esse ditado popular.

A *assembléa tridentina* logo após, para satisfazer os desejos de Xisto IV, embóra ferindo de frente os dogmas catholicos, proclamou Maria immune da primeira culpa, «muito embóra todas as creaturas trouxessem ao nascer a pecha peccaminosa.»

Xisto V, em 1771, approvou um officio e *Clemente XIV* auctorizou a

criação de uma ordem mitar portueza em honra da Immaculada Conceição.

A propaganda franciscana, estendendo-se mais tarde pela Austria e Hespanha, encontrou o apoio decisivo de *Pio VII*, que concedeu a essa ordem o direito de juntar no *Prefacio* a palavra *Immaculada Conceição*.

«A 2 de feveiro de 1849, *Pio IX*, papa da Ordem de S. Francisco, endereçou de Gaeta uma carta encyclica a todos os bispos catholicos, pedindo-lhes a sua opinião relativa á Immaculada Conceição» (5); obtendo 603 respostas favoraveis. Este total, porém, não representando a maioria do clero; «*Pio IX* ás 8 horas da manhã de 8 de dezembro de 1854, reuniu na capella Sixtina todos os cardeaes, arcebispos e bispos revestidos com habitos pontificaes, e depois de cantado o Evangelho em latim e grego, o *cardeal Machi*, decano do sacro collegio, com os decanos dos arcebispos e bispos presentes, com o arcebispo do rito grego e o arcebispo do rito armenio, apresentou-se ao pé do altar, e um delles dirigiu a palavra em latim ao pontífice, pedindo-lhe em nome da *Egreja Universal*—a dogmatização de uma crença tão sympathica aos povos catholicos...

Entoado então o *Venite Creator* o papa leu, no meio dum profundo silencio, o decreto dogmatico...

O *cardeal-decano* agradeceu ao papa a leitura do decreto, e pediu-lhe a publicação da bulla relativa ao novo dogma, annunciado a toda a cidade pela peça do forte de Santo Angelo.

«... Foi, em seguida, cantado um *Te-Deum*, depois do qual o papa foi levado processionalmente na cadeira ao altar-mór da capella dos conegos, para ahi collocar uma corôa de ouro finissimo, ornada de pedras preciosas, na frente da imagem da Virgem da Conceição.» (6)

Com a proclamação do dogma da Immaculada Conceição, estava satisfeito o desejo do papado franciscano e inaugurada uma éra de prestigio triumphante para a *Virgo Prudentissima*; mas o catholicismo, desde então, ficou ferido de morte em seus principaes dogmas, perdendo grande parte do poder divino em Christo, para approximar-se extraordinariamente da Terra com a glorificação da meiga judia, filha de S. Joaquim e Sant'Anna, entidade puramente humana.

E a Virgem Mãe, *Rosa mystica*, na sublime denominação dos verdadeiros crentes, assumiu, desde então, grandioso prestigio e incontestavel supremacia nos corações catholicos, sobre o Deus Pae, o Deus Filho e o Espirito Santo.

Romarias e peregrinações surgiram espontaneas em demanda dos sanctu-

arios, em todos os recantos e logarejos, onde uma capella se erguesse, onde um ninho se elevasse em nome de Maria; e as festas populares em homenagem á esposa do carpinteiro José, e as festas instituidas em honra da Mater Inviolata, cresceram em esplendor e devoção, e, assim hoje, em todo o orbe catholico, entôam-se hansas e hymnos á *Virgo Virginum* com piedoso devotamento e extraordinario fanatismo, sob divessas invocações canonicas, destacando-se entre ellas, na ordem chronologica, as seguintes: (7) *Festa de N. S. da Paz*, em 26 de janeiro, rememorando a victoria do rei Affonso VI ganha aos mouros na cidade de Toledo, e bastante glorificada na Hespanha. *Purificação de N. Senhora*, a que já nos referimos, festejada pelo catholicismo a 2 de fevereiro, comprehende tambem a apresentação de Jesus no Templo. Esta festa antigamente consagrada a *S. Simeão, o justo, e Anna, a prophetisa* — e presentemente a *Purificação de N. S. da Candelaria*, denomina-se *Occursus* que em latim quer dizer — encontro e recebimento.

O mez de maio é todo elle dedicado á Virgem em festas contínuas, e por isso mesmo denominado *mez de Maria* ou *mez mariano*; o dia 13, porém, é tambem destinado aos festejos de N. S. da Pena, N. S. dos Prazeres e N. S. Auxiliadora em homenagem aos auxilios prestados aos fieis que a ella recorreram nesse dia; e, seguidamente, o dia 29 é ainda consagrado a N. S. da Luz, festa celebrada em honra da Virgem em muitas cidades da Hespanha.

—*Visitação de N. Senhora*, em 2 de julho, festejada pela Egreja, foi iniciada pela ordem de S. Francisco no seculo XIII, auctorizada pelo papa *Urbano VI* e confirmada por *Bonifacio IX*, em 1389.

A 9 de julho, verifica-se a festa dedicada a N. S. do Patrocinio, realisada com extraordinaria devoção, nos sertões da Bahia.

—*Festa de N. S. do Carmo*, em 16 de julho, em commemoração á Santa Cruz e á victoria do rei Affonso VIII, da Hespanha, contra os catholicos. Esta festa originaria dos Carmelitas, é tambem denominada—festa de N. S. do Monte Carmelo.

O monte Carmelo, situado na Terra Santa, entre o Mediterraneo, Samaria e Nazareth, abrigou os prophetas Elias e Elyseo, que ahi permaneceram algum tempo, e mais tarde alguns religiosos sob o nome de — *Irmãos de Carmelo* — fundaram alli a *Ordem dos Carmelitas*, sob a direcção do hemaventurado Alberto, patriarcha de Jerusalém.

No seculo III, esse retiro foi disputado pelos Sarracenos, sendo então os

Carmelitas forçados a expatriarem-se, sob a direcção do geral Simon Stoch que instituiu na Ordem o *Scapulario*, auctorizado pela Virgem, que a elle appareceu em visão no anno de 1251.

Para essa ordem entrou Santa Theresza na idade de 21 annos, a 2 de novembro de 1536.

—*Festa de N. S. dos Anjos*—a 2 de agosto, é originaria do seculo IV, quando quatro eremitas fundaram a capella de Santa Maria de Josaphat, em Assis, proximo de Jerusalém. Em meados do seculo VI, S. Bento ahi fundou um mosteiro, e, seiscentos annos depois, conta a lenda que S. Francisco de Assis em fervorosa oração na noite de 2 de agosto, viu em sonhos Jesus Christo acompanhado da Virgem Maria e mil cortezaões do reino dos Céos.

O Nazareno facilitou ao Santo o pedido de uma graça e este contentou-se com a obtenção da indulgencia plenaria para todos os contrictos e arrependidos que visitassem as egrejas de sua Ordem, e como isto acontecesse na pequena egreja intitulado — N. S. dos Anjos — a egreja catholica dedicou nesse dia a festa á padroeira da capella.

—*Festa de N. S. das Neves*—instituida pelo papa Liberio, e sob a iniciativa de um patricio romano e sua esposa, que supplicaram á Virgem a graça de indicar-lhes como deviam empregar sua fortuna em honra della; a Virgem então appareceu-lhes em sonhos manifestando o desejo de possuir uma capella no local que, no dia seguinte, estivesse coberto de neve. E a 5 de agosto de 367 uma neve abundante cobriu durante a noite o monte Esquilino, uma das sete colinas de Roma, e ahi foi erigida a egreja denominada, a principio, *Basilica liberiana*, em seguida — *Santa Maria do Presepe*, porque para ahi foi transportada a mangedoura onde nasceu o Salvador, e mais tarde tomou o nome de—*Santa Maria Maior*—dado pelo papa Xisto, III após a restauração.

A abobada dessa egreja é dourada com o primeiro ouro vindo da America, recebido pela côrte de Hespanha das mãos de Christovam Colombo e offertado em homenagem a Maria.

—*Festa de N. S. das Mercês*—Luiz IX (S. Luiz) tinha por amigo intimo S. Pedro de Nolasco, que se tornou frade.

Um dia, no anno de 1218, estando em oração, a Virgem appareceu e o aconselhou a trabalhar em prol da libertação dos infortunados christãos do jugo dos mussulmanas. Elle obedeceu e fundou para a remissão dos captivos a ordem de N. S. das Mercês. Logo depois, obteve a approvação da Santa Sé e a festa da Virgem, sob o

titulo N. S. das Mercês, foi instituida por Gregorio IX na Egreja Universal a 24 de setembro.

— *N. S. do Rosario* — As *Contas*, o *Rosario* e o *Rosario vivo* formando tres praticas de devoção distinctas, teem, no emtanto, relações intimas entre si.

As contas se originam de um facto que remonta á epocha das primeiras cruzadas. No fim do seculo XI, Pedro, o Eremita, conduzindo os primeiros cruzados, notou, perto de Constantinopla, que os turcos tinham o costume de rolar nos dedos sessenta contas, ás quaes estavam ligadas orações. Pedro, o Eremita adoptou esse uzo e inventou esse modo de rezar que os peregrinos chamavam *corôa*, *psalterio da Virgem* ou *rosario*. Esta instituição foi mais tarde systematizada por S. Domingos, que fundou uma confraria para melhor assegurar a devoção e a solemnidade dessa reza.

O Rosario vivo consiste essencialmente em uma associação que representa no seu conjuncto o Rosario de S. Domingos. A primeira idéa dessa instituição coube a uma pobre moça de nome Maria Jaricot, de Lyon, que a concebeu em 1826.

— *A festa de Nossa Senhora do Rosario* foi instituida systematicamente pelo papa Gregorio XIII, que assim modificou a denominação da festa de *Santa Maria da Victoria*, estabelecida em Roma pelo papa Pio V. em 1571, para commemorar a victoria de Lepanto. Emfim, em 1676, Clemente X tornou universal essa solemnidade em homenagem a uma nova derrota dos turcos.

Além dessas festas, innumeradas invocações consagradas a Maria, sob diversos nomes, existem em todo o orbe catholico e entre outras citaremos algumas das mais conhecidas; como sejam: Nossa Senhora de Lourdes, Nossa Senhora da Gloria, Nossa Senhora de La Salate, Nossa Senhora dos Remedios, Nossa Senhora de Guadalupe, Nossa Senhora da Penha, Nossa Senhora do Parto, Nossa Senhora do O, Nossa Senhora de Nazareth, Nossa Senhora da Aparecida e etc, além de outras ceremonias festivas dedicadas á Virgem, como a do Noivado e Cazamento, a da Espectação do parto, a da Maternidade, a do Santo Nome de Maria, a das Sete Dôres, a de Nossa Senhora da Piedade e Santissimo Immaculado Coração de Maria, etc, instituidas nos seculos XV, XVI e XVII.

A extensão do culto da *Virgo Fidelis* liga-se a outras instituições, assim: as *Missas votivas* em honra da Virgem, estabelecidas no seculo XI em algumas egrejas, eram celebradas todos os sabbados, com caracter de festa particular. (8)

O *missal romano* tem cinco missas votivas da Virgem, para os diversos tempos do anno, sendo o sabbado consagrado particularmente a honrar a Santa Virgem.

Urbano II, no concilio de Clermont, em 1095, instituiu o officio da Virgem, e desejando tornar mais efficazes as orações diridas a *Maria padroeira dos cruzados do seu seculo*, este grande Papa prescreveu aos leigos seculares de recitarem esse officio, que até então não era dito sinão em certas ordens monasticas.

Mas a instituição primitiva deve ser referida mais longe e pelo menos attribuida a S. Pedro Damasceno e talvez mesmo a S. João Damasceno ou ao papa *Gregorio II*, que viviam nos seculos VII a VIII.

Esse officio foi reformado por Pio V em 1571, e a instituição remonta, pois, quando muito, ao seculo VII, mas só se generalizou no XI.

Existe, além desse, o pequeno officio da Immaculada Conceição, approved por Innocencio XI, e um novo officio da Conceição, mandado fazer por *Pio IX*.

Existem ainda *orações diversas* e entre ellas a *Saudação Angelica*, conhecida por *Ave Maria*, dedicada exclusivamente á Virgem. Além dessas, citaremos algumas outras mais celebres; como sejam o *Angelus* e o *Memorare*.

Entre os canticos dedicados a *Maria*, se destacam o *Magnificat*, além das *Antiphonas*, *Alma Redemptoris Mater*, *Ave Regina Cælorum*, *Regina Cæli, lætare*, *Salve Regina*.

Entre os hymnos introduzidos por Santo Ambrosio, duas grandes epochas pôdem ser assignaladas: seculo X, a partir do qual a lithurgia romana os admittiu no officio publico, e o anno de 1736, em que foi publicado o breviario *Calixto Vintimille*, arcebispo de Paris.

Os hymnos do officio da Santa Virgem comprehendem: o *Te-Deum*, *Quem terra pontus*, o *Gloriosa Domini*, *Memento rerum Conditor*. Além desses, existem os hymnos para todas as festas da Santa Virgem: *Ave Maria*, *Stella*, e outros de seculos posteriores.

Entre as *Prozas* dedicadas á Virgem, destaca-se o *Stabat*, attribuido a *Innocencio III* e adoptado na lithurgia romana; a *Involata, integra, casta* — attribuida a S. Thomaz de Aquino, *Languentibus in purgatoris*, attribuido a um inglez J. Langoeznovensis; a *Virgo virginum pulchra*, do cardeal Geissel, arcebispo de Cologne.

Innumeradas são as ladainhas da Santissima Virgem, originarias da pequena cidade de Loreto, na Italia, a uma legua do golpho de Veneza.

Clemente VIII, em 1601, prohibiu que se publicassem, recitassem e can-

tassem nas procissões ou altares outras que não fôsem as que elle e os seus successores approvassem.

Diversas são as congregações e confrarias, instituidas em nome e sob a protecção da Virgem, a contar do seculo XIII; destacando-se entre ellas as *filhas de Maria*.

As *peregrinações*, *oitavas*, *votos*, *novenas*, *retiros* e *procissões* em honra da *Mater Castissima* se reproduzem em grande numero em toda parte, e sua effigie em *estatuas*, *imagens* e *medalhas* é incommensuravel.

«Do que precede se conclúe que o desenvolvimento do culto do Virgem Mãe acompanhou o decrescimento do culto do Redemptor. O contraste é tão frisante que, comparando os primeiros seculos do catholicismo com os ultimos do regimen medievo, se descobre uma verdadeira inversão. Com effeito, o culto de Maria não existe sequer nos tres primeiros seculos; a partir do seculo IV, elle appareceu, porém, *adherente ao culto do Redemptor*. E' para este que os corações dos fieis convergem; *todo o povo toma parte activa na celebração da Eucharistia, que enche totalmente a Missa*.

No fim da idade média, a participação do povo na celebração da Eucharistia tornou-se *quasi totalmente passiva*. Os fieis já não trazem mais para a Egreja as *hostias* e o *vinho*: cessou a communhão do *vinho*; a hostia reduz-se tanto, que mais parece papel do que *pão*; raros commungam mesmo na especie que fica; a missa solemne desaparece quasi; a celebração da Eucharistia tornou-se um *incidente momentaneo* no conjuncto de oração publica.

Em compensação, o culto de Maria absorve todas as almas; o povo toma parte nos cantos, nas ladainhas celebradas em sua honra, e, em uma palavra, para fazer idéa do que era o fervor dos primeiros catholicos pela Eucharistia, é preciso contemplar o que é hoje uma festa de Maria.

«E' esta a primeira conclusão que resulta dos trechos citados. A segunda é que o culto de Maria adquiria o seu surto decisivo com as *crusadas*. Tal é o duplo phenomeno que nos cumpre explicar actualmente, mostrando os motores puramente humanos que o determinavam. Ver-se-á então que elle assignala apenas o progresso continuo do *altruismo* emancipando-se gradualmente das suggestões egoisticas.

Para melhor perceber-o, comecemos por confrontar os dois typos moraes respectivamente caracterizados pelo Redemptor e a Virgem Mãe.

Considerado em si mesmo, o Redemptor representa uma combinação entre a Divindade e a Humanidade; mas é a Divindade que predomina.

De sorte que a contemplação desse mytho desperta principalmente os sentimentos, as idéas e os actos ligados á concepção da Divindade. A adoração do Redemptor tende, pois, a ligar o conjuncto da vida real a uma existencia phantastica fóra da sociedade, isolando cada homem da Família, da Patria e da Especie inteira. Essa consequencia é imperfeitamente contrabalançada pela noção da Humanidade, também inherente ao typo do Redemptor, e por meio da qual a sabedoria do sacerdocio catholico póde harmonizar até certo ponto a existencia celeste com a vida terrena. Em segundo logar, a natureza humana é symbolizada no Redemptor pelo sexo menos apto para represental-a. Com effeito, a Humanidade sendo caracterizada pelo ascendente continuo do Amor sobre a Intelligencia e a Actividade, é a Mulher e não o Homem que constitúe o seu melhor typo. Donde se conclúe que o Redemptor offerece uma dupla imperfeição radical para presidir o culto: primeira, a supremacia das concepções theologicas; segunda, o predomínio moral do Homem sobre a Mulher.

Sob todos esses aspectos, a Virgem Mãe apresenta o mais feliz contraste com o Redemptor. Com effeito, nessa suave concepção nada existe mais da Divindade. Isto é, sobretudo, incontestavel, considerando o typo da Virgem Mãe systematizado por S. Bernardo, como se verifica pela leitura da carta transcripta no artigo publicado no num. 86 dos *Annaes*. Maria é apenas a primeira das Mulheres; um abysmo infinito a separa da divindade. O dogma da *Immaculada Conceição* mesmo não conseguiu tornal-a Deusa; de sorte que o culto de Maria significa realmente a adoração da natureza humana imaginada apenas em uma perfeição utópica. Em segundo logar, a natureza humana é então caracterizada pelo typo mais decisivo — a Mulher —, e tomado na integridade das suas funções moraes. Tal é a significação da Virgem Mãe, sublime resumo em um Ente só dos quatro aspectos sob os quaes toda digna Mulher successivamente se apresenta: Mãe, Irmã, Esposa e Filha.

A Virgem Mãe caracteriza, pois, por isso, um decrescimento tão grande das preocupações theologicas, como o abysmo que dogmaticamente a separa da Divindade. A sua imagem terna e pura tende a volver as effeições, pensamentos e actos para a vida real, desenvolvendo a adoração da Mulher por parte do Homem, e estimulando a Mulher a preencher cada vez melhor a sua gloriosa missão. E' assim que se percebe que o culto de Maria assignala historicamente a decisiva emancipação das concepções

theologicas, não só por parte dos cavalleiros como por parte das massas populares do occidente.»

.....

«Mas si isso é incontestavel, não é menos verdade que o catholicismo determinou uma cultura moral e uma situação social que, apesar das prevenções dogmaticas, deviam tornar-se finalmente favoraveis ao culto da Mulher. Com effeito, sob o ponto de vista moral, a compressão systematica dos nossos instinctos egoistas só podia redundar em proveito da expansão dos nossos pendores altruistas. Eubóra essa *purificação* fôsse preconizada com o engodo do Céu e o medo do Inferno, semelhante estimulação *subjectiva* apenas diminuia a efficacia da repressão *objectiva*. Por outro lado, a pratica da caridade, isto é, o exercicio directo dos pendores altruistas determinava o desenvolvimento delles. Assim, em resumo, apesar de preocupado com um destino pessoal chimerico, o fiel realizava o duplo aperfeiçoamento da sua natureza moral, tornando-se cada vez menos egoista, isto é, mais *puro*, e cada vez mais altruista, isto é, mais *terno*, mais *venerador* e mais *dedicado*.

Este resultado era tanto mais fatal, quanto o catholicismo viu se forçado a santificar todos os laços da Família e da Sociedade, si bem que collocando-os dogmaticamente em plano inferior ao isolamento mystico, reservado a um numero minimo de eleitos.

Tornado assim mais apto para *amar*, é claro que o homem não poderia applicar indefinidamente esse amor a entes mythologicos. Era fatal que toda a capacidade affectiva adquirida revertesse para seu destino real, desde que o conjuncto da situação social permitisse. Foi o que de facto aconteceu, em virtude dos antecedentes que directamente prepararam o culto da Mulher... Entre muitos, citaremos a dignificação da mulher conduzida pela civilização romana a um grau elevadissimo, bastando citar o typo de Cornelia, resumindo o respeito a que attingiu a matrona romana; isto é, a *Esposa e Mãe.*» (9).

Dahi para a sublime concepção de Augusto Comte — a *utopia da Virgem Mãe*, a transição é facilima e notavel, patente e racional.

Quando cogitarmos do *estyllo bysantino*, tentaremos explicar os fundamentos scientificos de semelhante concepção, que mostram o conjuncto do dogma positivo resumido nella, e a sua aptidão a condensar o regimen normal.

A *Mater Purissima* do catholicismo, a *Virgem Mãe da Humanidade*, bellamente representada nas télas de

Hitchens, de *Pyrenne*, de *Urbino* e de *Boticelli*, de *Muller* e de *Ittenbach*, occupa nos mais formosos altares dos mais sumptuosos templos do orbe catholico, logar condigno e saliente.

Entre nós, encontram-se alguns bellos especimens da Virgem; originaes uns, felizes reproducções outros.

Na sacristia da igreja de S. João Baptista da Lagôa, existe um bello quadro original de Palma Vecchi — *O casamento mystico de Santa Catharina*, sobresaíndo, em esplendido destaque, o rosto meigo e suave da Virgem.

No corpo central da matriz de Nossa Senhora da Glória, suspenso á parede divisoria do altar-mór, existe uma excellente pintura representando — *Sant'Anna e a Virgem*.

Os dois bellos medalhões exteriores da igreja do Carmo, um no frontão principal e outro sobre a porta do becco do Carmo, destacam a meio relevo e em formoso conjuncto a *Virgem e o menino*.

Na igreja positivista, á rua Benjamin Constant, encontra-se uma bella cópia do quadro — a *Virgem de Raphael*.

A luz forte e intensa das manhãs claras e alegres, penetrando através dos roseaceos e dos lanternins, dos *vitreaux* e dos mezzaninos, espalhando-se diaphana e iriada sob as abobadas e arcarias, sob os zimbórios e as cupolas do interior desses templos do mais puro e correcto estylo romano; vem cercar a imagem encantadora da *Mater Castissima* de uma entonação luminosa, suave e branda, de envolta com as nuvens alvacentas e perfumosas do incenso e da myrrha.

E as imponentes cerimoniaes do mez *Mariano*, resplandcentes de luxo e pompa dos deslumbrantes festivaes catholicos, ricos de arte e gosto, na *igreja de S. Pedro* e na *capella Sixtina*, nas *cathedraes de Milão* e *Strasburgo* e na *Notre Dame de Paris*, e essas festas maravilhosas consagradas á *Virgo Puritatis*, cercada de flôres e luz, de cantos e perfumes, de rezas lithurgicas e musicas sacras, ungidas pela magestade do ceremonial, pela devoção e respeito dessa multidão immensa de poderosos e humildes, de potentados e magnanimos, de ricos e pobres; provocam surpresa e admiração, assombro e encanto ao mais indifferente contemplador.

E a meiga e candida judia, representada pela *Madona*, de Raphael, pela *Virgem*, de Ticiano ou de Perugino e pela *Immaculada Conceição*, de Murillo, no mais elevado nicho do sanctuario, sob as abobadas e arcadas do altar mór, sob esse conjuncto sublime e encantador do soberbo e grandioso estylo romano, consubstanciando a uto-

pia feminina incorporada na religião positiva, contempla satisfeita em sua grandeza essa imensa onda humana de fiéis, contrictos e submissos, ajoelhados a seus pés, «resumindo a magistosa evolução que nos permite hoje attribuir simultaneamente á Humanidade e a toda a digna Mulher, o cantico e o voto que os deus sublimes interpretes da idade média, Dante e Thomaz de Kempis, reservaram respectivamente para a Deusa accidental e o seu predecessor celeste :

«Virgine Madre, figlia del tuo figlio
Umile ed alta piú che creatura,
Termine fissa d'eterno consiglio.
.....
Donna, sei tanto grande e tanto vali,
Che qual vuol grazia, edate non ricorre
Sua diatanza vuol volar senz'ali.
La tua benignità non pur socorre,
A chi dimanda, ma molte fiato
Liberamente al dimandar precorre.
In te misericordia, in te pietate,
In te magnificenza, in te s'aduna
Quantunque in creatura é di bontate.

Amem te plus quam me, nec me nisi proper te.» (10).

ARTHUR DE LIMA CAMPOS.

- (1) *Summ. theol.*, III pag. 927, art. 2 ad 2.
- (2) *Hebreus*, IV, 25.
- (3) *O Culto da Immaculada* — Heliodoro Salgado, pags. 164 e 165.
- (4) Heliodoro Salgado — *O Culto da Immaculada*, pags. 165 e 168.
- (5) *O Culto da Immaculada* — de Heliodoro Salgado — pag. 179.
- (6) *O Culto Catholico* — Heliodoro Salgado — pags. 184 e 185.
- (7) As transcripções das festas que se seguem são extraídas dos textos: *Le Culte de Maria*, de J. B. Gengères; o *Anno Catholico*, publicação brasileira, e a *Historia de decadencia e queda do Imperio Romano* — de Gibbon.
- (8) As descrições de todas as instituições que seguem, são transcripções da obra de Bertrand: *Diccionario de religiões*, artigo *Maria*.
- (9) R. Teixeira Mendes, *O Culto Catholico*, pags. 155 a 158.
- (10) R. Teixeira Mendes — *O Culto Catholico*, pags. 183 e 184.

PAGINAS ESQUECIDAS

A QUEIMADA

Meu pobre perdigueiro! Vem comigo,
Vamos a sós, meu corajoso amigo,
Pelos ermos vagar?
Vamos lá dos geraes que o vento açoita
Dos verdes oapinaes n'agreste moita
A perdiz levantar...

Mas não!... Pousa a cabeça em meus
[joelhos...]
Aqui, meu cão! Já de listrões vermelhos
O céu se illuminou.
Eis subito, da barra do occidente,
Doido, rubro, veloz, incandescente.
O incendio que acordou!

A floresta rugindo as comas curva...
As azas foscas o gavião recurva,
Espantado a gritar.
O estampido estupendo das queimadas
Se ensola de quebradas em quebradas
Galopando no ar.
E a chamma lavra qual giboia informe,
Que, no espaço vibrando a cauda enorme
Ferra os dentes no chão...
Nas rubras roacas estortega as mattas...
Que espadanam o sangue das cascatas
Do noto coração!...

O incendio—leão ruivo, ensanguentado,
A juba, a crina atira desgrenhado
Aos pampeiros dos céus!...
Trayou-se o pugilato... e o cedro tomba...
Queimado, retorcendo na hecatomba
Os braços para Deus.

A queimada! A queimada é uma fornalha!
A hirara pula; o cascavel chocalha...
Raiva, espuma o tapir.
E ás vezes sobre o cume de um rochedo
A corça e o tigré— naufragos do medo—
Vão tremulos se unir!

Então passa-se ali um drama augusto...
No ultimo ramo do páu d'arco adusto
O jaguar se abrigou...
Mas rubro é o céu... Recresce o fogo em mares
E após tombam as selvas scculares...
E tudo se acabou!

CASTRO ALVES.

JOÃO FRANCO, MINISTRO «PER OMNIA SECLULA»...

A política portugueza já tem o seu saragoçano, que está comnosco, e vem de me communicar o horoscopo da politica nacional, a decorrer desde os tempos presentes ao diluvio. É um trabalho de profunda concatenação, onde a sciencia mais profunda vem alliar-se á magia mais subtil, e para o qual chamarei a attenção dos meus leitores, já fatigados talvez de sobre situações ministeriaes verem falhar todas as prevenções e vaticinios. Tem a palavra o Noherleson portuguez:

«... a este governo succederia um, presidido pelo sr. José Luciano, e seria o seguinte:

- Presidencia e reino — José Luciano de Castro.
- Justiça — Francisco Beirão.
- Fazenda — Ressano Garcia.
- Obras publicas — JOÃO FRANCO CASTELLO BRANCO,
- Estrangeiros — Fernando Mattoso dos Santos.
- Marinha — Prior da Lapa.
- Guerra — Conde de S. Jannario.

Incompatibilidades, ciúmes, guerras, levariam pouco a pouco o gabinete a desmoronar-se, pela macula terrível de quererem todos ser primeiros, e não haver entre tantos genios um só exemplar que Lombroso não previasse entre os matoides, no seu livro. Che-

gado á extrema deliquescencia, e não havendo chispa a tirar daquellas sete cabeças de vitella, o ministerio Luciano receberia dos *guichets* do paço o bilhete colectivo da partida, sendo então chamado o sr. Serpa, o estadista da bolacha Maria, a organizar *quadriha* com os seus Pescaderos e Minutos, desta sorte:

- Presidencia e reino — Antonio de Serpa.
- Justiça — Moraes de Carvalho.
- Fazenda — JOÃO FRANCO C. BRANCO.
- Obras publicas — Frederico Arouca.
- Marinha — João Arroyo.
- Guerra — Dantas Baracho.
- Estrangeiros — Carlos Bocage.

Novas tramoias, guerras de cojo propositando substituir velhos por novos, impaciencias de bacharelitos discursadores anceando por exceder o Arroyo nos dispauterios da pasta da marinha, negociatas torvas, destas que fermentam na cabeça dos ambiciosos com pouco bágo, tudo isto daria instabilidade febril ao pobre gabinete, cujos cebentos fundilhos ao cabo estalariam, deixando vêr ao paiz o collector. A corôa ver-se-ia forçada então a repatriar o sr. Marianno de Carvalho, refazendo-lhe, depois de algum trabalho, a virgindade, e delegando as pastas na estudantina que se segue:

- Presidencia — Marianno de Carvalho.
- Justiça e cedulas — Conselheiro Mendonga Cortez.
- Reino e falsificações eleitoraes — José da Escada.
- Obras publicas, loterias e jogos de azar — Antonio Ignacio da Fonseca.
- Marinha — Marianno de Carvalho (interino).
- Guerra — Lobo sarapintado.
- Estrangeiros — JOÃO FRANCO CASTELLO BRANCO.

Um tal ministerio fatigaria cedo a opinião, começando o descontentamento pelos accionistas do banco Luzitano, que elegeriam de repente *leader* da opposição o sr. Pedrozo de Lima, por via de quem iriam regressando á vida privada alguns dos mais habilidosos salvadores. Succedia-lhe um gabinete de *petit lever*, que trataria os negocios do paiz de rustilhada com as pequeninas intrigalhas d'antecamara, legislando simultaneamente sobre o tiro aos pombos, sobre os tempos da walsa, e a arte de collocar gardenias na lapella.

- Presidencia — Conde de Ficalho.
- Estrangeiros — Luiz de Soveral.
- Fazenda e confecções — Ramalho Ortigão.
- Marinha e corteziás — Conde de Sabugosa.
- Guerra e batalhas de fiôres — Bernardo Pindella.
- Obras publicas e piadas — Carlos Mayer.
- Justiça — JOÃO FRANCO C. BRANCO.

Quatro dias depois deste governo assim constituido, todo o *Diario* appareceria condimentado em volume de

contos e historias picarescas, avultando entre as medidas energicas o uso obrigatorio da luva branca nos trabalhos de pedreiro, uma legislação completa para a *toilette*, e severas multas a todo o proletario que não comesse truffas ao jantar. Dissidencias primeiro palacianas, em virtude do Rainhalho querer applicar á sala de throno a sua conhecida decoração de motivos piscatorios, e de Soveral agredir as relações externas pela sua grande abundancia de cabellos nos ouvidos — dissidencias em seguida populares, motivadas por o sr. conde de Sabugosa querer os decretos em verso, e o sr. Pindella transferir quem não tivesse cartas de nobreza, provocariam na classe trabalhadora uma arnaça contra o aristocracismo dos *vencidos*, pondo a dynastia em cheque, e fazendo fugir a batatada o gabinete. Interregno de dois mezes para escripturar entre as facções politicantes, um ministerio de resistencia, composto de estadistas velhos que parecessem novos, e de messias tartamudos que tivessem o ar de Jupiteres inéditos. Indicado o sr. Martens Ferrão p'ra presidente, chegaria este de Roma com os ordenados d'embaixador decuplicados, e em regimen de tres hostias consagradas ao dia, para attenuar flatulencias de gastronomo amollecido. Entrevistaria primeiro o nuncio, pedindo-lhe conselho, iria depois ás egrejas com modos de sachrista, tartufisar inda mais com orações o cerebro estanque, e assim ungido por Deus e por uma ausencia d'idéas espantosa, começaria sua missão politica pedindo doze contos de réis para tipoia e prato, afóra os vencimentos. Ao cabo de doze mezes d'entrevistas, justaposições e cartas sobre caça, o sr. Martens Ferrão vendo os seus esforços desentendidos da abnegação absolutamente patriotica que o guiava, e constando-lhe por outro lado que as contribuições livres não chegariam p'ra lhe pagar as luvas que elle queria, o sr. Martens Ferrão tornaria para Roma, sempre com aquelles ares de sachrista, vasio, somnabulo, tratando as indigestões com hostias, e circumscrevendo a noção de patria á sua rica barriguinha. Atterrado do fiasco, o paço expediria a toda pressa um telegramma ao S. Januario, ferro velho de concentrações monarchicas garantidas ao mez, (entrando o emprestimo), o qual com os seus bigodes em cabide, e o mais lustroso chinó de pelle de gato preto, iria pelas casas conluir trastes servidos para um gabinete de casa de hospedes, por esta forma decorado :

Presidencia — Conde de S. Januario.
Reino — Valbom pae (segundas, quartas e sextas), Valbom filho (terças, quintas e sabbados).

Justiça — Bispo de Bethesda.
Estrangeiros — Bocage.
Fazenda — Oliveira Martins.
Obras publicas — Conde de Valenças.
Marinha — JOÃO FRANCO C. BRANCO.

A estranheza causada por este ministerio seria enorme, e subiria de ponto quando a magistratura investida de pronunciar sobre o processo Canto e Castro, absolvesse o bispo, que não teria deixado a pasta da justiça, nem siquer durante o julgamento, e quando ao mesmo tempo viesse a fallencia mental do conde de Valenças, por um incendio lhe ter devorado a *sala de pensar*. Ao desagrado aqui nascido, outros peores sobreviriam conglobando no ar nuvens de guerra : em vez de tratar dos verdadeiros interesses do paiz, o presidente do conselho não faria senão reformar os uniformes, transferir regedores, e aggravar a situação com desperdicios. O povo teria fome, os politicões e banqueiros dariam bailes, e nesta revolta da plebe, o espirito anarchico d'alguns doidos acabaria de lançar o fermento da discordia, gerando féras no coração de ingenuos esfaimados. Dahi uma crise espantosa d'idéas e d'estomagos, revolvendo o paiz té as fundalhas, e fructo de revolução iniciada como tentamen de vida nova, uma republica de caixeiros desempregados, com Magalhães Lima na presidencia, e a familia real em villegiatura de exilio, sob desculpa de ir festejar em Inglaterra as bodas de ouro dos condes de Paris. O primeiro ministerio da nova idade seria talvez assim condimentado :

Presidencia e reino — Nosso correligionario e collega — Silva Graça.
Estrangeiros — Nosso collega e correligionario Silva Graça.
Fazenda — Silva Graça, nbsso collega e correligionario.
Obras publicas — Silva Graça, nosso correligionario e collega.
Justiça — Nosso correligionario Silva Graça e collega.
Marinha — Nosso collega Silva Graça e correligionario.
Guerra — JOÃO FRANCO C. BRANCO.

Sabidos os resultados d'uma republica apenas creada para tornar obrigatoria a leitura do *Seculo*, começaria o paiz a fazer gestos feios ao ministerio, e seguidamente ao precioso Magalhães Lima, que já muito antes de presidente da Republica habitaria o palacio da Ajuda, comprado com os proventos do *Seculo*, num leilão de massa fallida, hi ostentando fausto parisiense, e saíndo a quatro, de manto, com os chapéos velhos da rainha viuva na cabeça. Poucos mezes duraria o regabofe, porque a imprensa desengañada sobre as quantias pedidas p'ra aguentar a nova situação, ir-se-ia pouco a pouco tornando á monarchia, tomando o sr. d. Miguel por orago, e fazendo cair Magalhães num charivari

de gaitinhas de feira, cantos de gallo e chapadas de melão. As mesmas lanternas que embellezassem as ruas pelo advento da Republica, illuminariam depois o mesmo povo, a saudar como ultima esperanza, o rei absoluto. Quando o rei chegasse á barra, organizava-se ministerio, que obedecendo aos principios religiosos do monarcha, decretaria a chamada pasta da Igreja...

Presidencia e reino — Carlos Pinto Coelho.
Justiça — Conde de Redinha.
Guerra — Fernando Pedroso.
Marinha — Alfredo Quadrio.
Estrangeiros — Lucas da Silva Castello.
Obras publicas — Alvaro Mendes Leal.
Fazenda — Perfeito de Magalhães.
Egreja — JOÃO FRANCO C. BRANCO.

Como tudo finda neste mundo, e o tempo váe depressa, acabaria a situação legitimista com o arrefecimento total do globo terraqueo, e quando toda a população portugueza chegasse ás regiões celestes, Deus que protege os tolos, e tem um fraco por todos os patifes, apiedado de nos falharem todas as combinações politicas possiveis, resolveria, suppõe-se, em sua infinita misericordia, entrar elle mesmo num ministerio de conciliação e salvação, que ficaria assim constituido :

Presidencia e justiça — Padre Eterno.
Marinha — S. Pedro.
Guerra — S. Thiago.
Fazenda — ? (1).
Obras publicas — S. Joaé.
Instrucção publica e bellas artes — S. Paulo.
Estrangeiros — S. Damaso. (2).
Reino — JOÃO FRANCO C. BRANCO.

FIALHO D'ALMEIDA.

(1) Impossivel talvez achar santo que queira encarregar-se desta pasta, pelo descredito em que a puzeram os seus antigos titulares. Consta, porém, que depois de reiteradas instancias do Padre Eterno, o Máu Ladrão se resolverá a encarregar-se da gerencia.

(2) E' um santo portuguez, papa, do seculo III. Não confundir com o sr. padre Damaso, do seculo XIX, e amigo intimo do actual sr. presidente do conselho.

PEDE-NOS o nosso collaborador Tenente Max façamos publico o seu reconhecimento a todos os que, por cartas e cartões, applaudiram o seu excellente artigo, num. 84, anno III, dos *Annaes*, sobre a Guarda Nacional.

Vendem-se collecções dos «*Annaes*», ricamente encadernadas, do primeiro trimestre da 1904 e primeiro e segundo semestres de 1905.

As officinas dos «*Annaes*», dispondo de material completamente novo e moderno, encarregam-se de executar todo e qualquer trabalho typographico.

Fragmentos de estudo da historia
da Assembléa Constituinte
do Brazil

XXV

Apezar de Silva Lisbôa professar outra fé, crêr em outros ritos, já sem as illusões do presente e as esperanças do porvir, não hesitou em acudir ao reclamo da patria onde nasceu, embôra esta não estivesse accorde com a outra patria moral em que vivera a sua intelligencia, isto é, as idéas do seculo em que vira a luz do dia. Silva Lisbôa era homem do seculo em que a realza absoluta ainda governava soberana e despótica. A liberdade não lhe era tão clara, que lhe merecesse o sacrificio de suas vellias e arraigadas crenças; vamos esperar vel-o tal na discussão do artigo do projecto da Constituição, consagrando a liberdade religiosa.

Já tivemos occasião de declarar que, estudando a historia da Assembléa Constituinte, não nos occupamos sinão com os projectos que contêm as idéas politicas, pelas quaes possamos ajuizar de sua capacidade para organizar as leis fundadoras duma sociedade que acabava de romper o jugo do despotismo e aspirava os beneficios da civilização moderna. Quanto a projecto de *detalhes* ou minucias do serviço ordinario, administrativo, judiciario, municipal, tudo isso está excluido do nosso plano. Ninguem tem o direito de exigir um trabalho que não nos obrigamos nem queremos fazer. Demais, os exigentes que teem a paciencia de prolongadas leituras, são poucos: a maioria dos leitores não supporta a fastidiosa massagada das minudencias; quiçá, não lhes desleixe, siquer, rapido olhar. Conhecendo os habitos e gostos dos nossos leitores, limito-me a estudar a parte intellectual da nossa primeira Assembléa — reunião das principaes intelligencias brazileiras na epocha da Independência; ahí ha de inevitavelmente reflectir-se ou apparecer o gráu de cultura e desenvolvimento do espirito; por ahí, consequentemente, poderemos apreciar o estado moral, politico e social do povo brazileiro, que tanto luctou para conquistar a independência. Que iria fazer desta conquista? Era uma vã ambição que mesmo não comprehendia? Era uma aspiração que correspondia á necessidade do estado social, positivo, real, incompatible com as normas do regimen absoluto?

E' dos projectos politicos, assim como nas discussões, que brotam as idéas reveladoras do estado moral, intellectual e politico da sociedade que a Assembléa representa, porquanto uma Assembléa não pôde ser

outra coisa sinão um quadro representativo duma nação com as suas virtudes e vícios, fraquezas e energias, servilismo e independencia de caracter, aspirações, pensamentos e idéaes.

Que me importam a mim os pareceres da commissão de justiça sobre tal petição; os das outras sobre diferentes materias e mesmo o projecto de Antonio Carlos elevando a povoação de Itaparica á categoria de villa, e do catorzo marquez de Abrantes, transformando em villa a feira de Nazareth das farinhas, etc.? Estas coisas não servem para materia de historia; o leitor depois de as haver lido, as atira na cesta dos papeis velhos, inuteis. Mas conhecer do estado moral e intellectual da sociedade brazileira, qual apparece na Assembléa, que a representa, é apurar um dos elementos necessarios para entender a historia da fundação da nacionalidade. Só assim poderemos julgar duma série de factos que a tradição alterou e, hoje, não sabemos, segundo a phrase biblica, discriminar o joio do trigo.

Como, por exemplo, julgaremos — *certissima scientia et clamante conscientia* — si a dissolução da Constituinte, no dia 12 de novembro de 1823, foi o grande erro do primeiro Imperio? Que correlação descobriremos entre as duas datas: 12 de novembro e 7 de abril? Os elementos moraes e politicos, os motivos que determinaram a primeira, produziram a segunda? De véras, a Constituinte possuía e mostrava aptidão e capacidade de satisfazer as necessidades do paiz? Que produziu de bom e de util durante seus trabalhos, legislativos? Que queria o Imperador, universalmente aclamado, acceito e até exaltado pelo entusiasmo popular, em contrario á Assembléa? Que circunstancias formaram no espirito imperial a convicção de aniquillar a representação nacional? Ella merecia a punição que soffreu e deu motivo a ter tão triste e mesmo ridiculo destino? E muitas outras interrogações suscita o decreto de 12 de novembro. Ninguem haverá ahí, mesmo um escolar noviço, que acredite que o conflicto do boticario do largo da Carióca fôra a causa occasional da dissolução da Constituinte; que a agitação da Assembléa, promovida pelos irmãos Andradas, não se concatene ás circunstancias anteriores.

Pensar que d. Pedro, dum só impeto, saíu da Imperial Quinta e mandou os seus granadeiros expellir do recinto da cadeia velha os agitados palradores, é, realmente, não querer julgar dos factos, pelas causas que os produzem.

Ora, para conhecê-las temos tido o paciente labor de ir colhendo, uma

por uma, as circunstancias que formaram a somma de motivos, somma bem avolumada que conveuceu d. Pedro da necessidade de desembaraçar-se do insupportavel trambolho da Constituinte.

Temos apontado, em varios discursos, as phrases que pungem; em certos actos o proposito hostile; por exemplo, no caso do bergantim *Treze de Maio*; no da nomeação de dois deputados para ministros de Estado, e de Brant Pontes para incumbir-se, em Londres, de negocios que intessavam o paiz; na prohibição, imposta pela Camara ao deputado, de acceitar nomeações imperiaes; do character offensivo, acintoso, do projecto de incompatibilidade, proposto por Araujo Vianna e soffregamente approvado; da censura por occasião do titulo concedido ao almirante lord Cockrane e sobretudo a discussão (da sessão de 17 de setembro) sobre os officiaes lusitanos do general Madeira admittidos ao exercito brazileiro. Todos estes factos irritavam o animo impetuoso de d. Pedro, habituado a governar como poder absoluto; poder que sempre foi uma de suas paixões.

A questão dos officiaes lusitanos abriu os olhos ao Imperador, obrigando-o a encarar a perigosa realidade e as intenções maleficas.

Todos comprehendemos que, naquella phase da nossa vida nacional, os odios do brazileiro e do portuguez eram profundos, reciprocos e irreconciliaveis. Aquella discussão despertou os preconceitos populares e o natural ciúme, vendo o lusitano, que acabava de brandir mortíferas armas contra os filhos do paiz, acolhido, figurando nas fileiras dos exercitos imperiaes, bem pago, remunerado e contando antiguidade, desde o tempo em que combatia contra nós nos campos de batalha da Lapinha, de Itacaranha, ou de Pirajá. O povo, que ouvia os deputados, no recinto da Constituinte, apurar e discutir esse assumpto, tirava a seguinte conclusão: «isso assim succede, porque o Imperador nasceu lusitano e quer, cercado de lusitanos, governar o Brazil como os seus antepassados dominaram a colonia.» No cerebro das multidões generalizou-se esse pensamento. Toda a gente murmurava que a Independência não tinha passado duma farça, e que os lusitanos, de novo, assenhoreavam-se da terra americana, sob a direcção e governo de d. Pedro, príncipe tambem lusitano.

O Imperador attentou sizudamente nas gravissimas consequencias dessa propaganda, partida dos debates da Constituinte e lavrando, como um incendio, pela alma do povo.

D. Pedro, que amava a popularidade, observava que esta lhe fugia, e

as aclamações do entusiasmo das turbas, que antes o idolatravam, já raras, iam escasseando cada dia.

Ouvi contar aos velhos contemporâneos que este estado de coisas preocupou tanto o espirito do soberano, que o induziu a querer praticar algumas imprudências, e uma feita, com voz alterada, atirou á face dalguns dos ministros e deputados palavras acerbas, minazes e brutas...

O illustre visconde de Jequitinhonha (Montesuma, na Constituinte) com quem tive a fortuna de aprender muitas coisas concernentes a taes acontecimentos, a mim m'o declarou, como a outros, que o escutavam — «que, desde a discussão dos officiaes lusitanos, evitou de approximar-se do Imperador, que deixára de tratá-lo com a benevolencia doutr'ora. Montesuma, além do mais, tomou activa parte nas questões dos officiaes lusitanos, do titulo a lord Cockane, da emenda sobre a federação das provincias; todos esses assumptos desagradaveis ao Senhor da Quinta de S. Christovão. O visconde de Jequitinhonha acreditava que os seus discursos preveniram o Imperador contra elle de tal sorte que, feita a dissolução, d. Pedro mandou prendel-o e deportá-lo com os Andradas.

E' coisa quasi aborrecida citar opiniões, quando ellas não constam de documentos authenticos. Parece-me que num discurso, proferido no Senado do segundo Imperio, o eggregio orador bahiano reporta-se aos eventos dessa quadra da monarchia brasileira; todavia não posso, nesse instante, manusear os *Anaes* do Senado para verificar a exactidão do discurso alludido.

Quem fôr *dilettanti* das resurreições dos homens e dos acontecimentos da politica do passado, querendo dar-se á paciente tarefa de reunir num complexo todas as circumstancias, de certo não concluirá, com o illustrado auctor da *Constituinte perante a historia*, que tal Assembléa nada fez por onde merecesse tão dura punição e verificará que, si *ella foi sempre restosa*, levou sempre a inexperiencia ou a ignorancia do systema novo — ora a ser subserviente; ora a provocar coleras dum poder, de facto, arbitrario e irresponsavel. Teria evitado o seu desastre, si lhe fôsse dado conhecer a seguinte observação judiciousa, que a experiencia consagrou como verdade pratica e inconcussa: *On rapportera toujours d'Angleterre cette persuasion profitable, que la politique n'est pas une théorie de cabinet applicable à l'instant tout entière et tout d'une pièce, mais une affaire de tact où l'on ne doit procéder que par attermoiements, transactions et compromis.* (1)

EUZÉPIO DEIRÓ.

(1) Taine, *Notes sur l'Angleterre.*

A LIVRARIA

«JUVENILIA», LIVRO DE VERSOS POR ODILON NESTOR. — EDITADO POR DOMINGOS DE SAMPAIO FERRAZ. — PERNAMBUCO.

Uma felicidade teve este poeta: descobriu o typo do editor ideal, tanto quanto de fóra se pôde julgar.

Quem já imprimiu um livro, principalmente o seu primeiro livro, como creio que é o caso do sr. Odilon, e teve necessidade de andar procurando editor, é que sabe como a especie é desconfiada, difficil, intratavel mesmo muitas vezes. Si dão a confiança de ainda explicar ao neophyto a causa de recuzarem o volume, — porque a recusa é que é o facto normal, — é para desdenhar desapiedadamente do seu valor, pelo menos do ponto de vista da livraria, que com outras coisas elles não se preocupam, nem dellas querem absolutamente saber. Parecem todos um dispepticos e, si o estréante tiver muita vaidade, é capaz de desconfiar que até a inveja concorre pelo menos em certa dóse para a composição daquellas vesgas physionomias, mais a daquellas falas deprimentes e pessimistas.

O editor é o Cabo da Tormenta nisto que se chama a iniciação litteraria: quem o tenha dominado, sem se commover excessivamente com o tenebroso do aspecto sob que, de ordinario, elle se apresenta, e a hostilidade systematica dos seus juizos, já pôde dizer que deu na vida uma prova de fortaleza.

O poeta de *Juvenilia* em vez de um Tormentario achou no seu editor um porto bonançoso de apaziguada Circe. Não houve apenas, da parte deste, a razoavel confiança commercial necessaria na primicia apresentada para elle fechar o negocio. Houve fé, houve mesmo enthusiasmo, e tão sincero, tão vehemente, que quasi parece fanatismo. O mais curioso ainda, porém, é que não é somente do ponto de vista mercantil, — até pelo contrario, esse ficou inteiramente de lado, — mas do ponto de vista espirital, do valor verdadeiramente litterario da obra, que este singularissimo negociante encara a questão. Faz lembrar aquelle sympathico pasteleiro, protector de toda uma caterva litterata, auctor por sua vez, que figura no *Cyrano de Bergerac*.

Si sabemos deste caso singular de agora, é devido ás revelações do prologo de *Juvenilia*, feito e assignado pelo sr. Sampaio Ferraz, que é ao mesmo tempo o editor da obra. O paranympo tem tanta confiança no estréante, que acredita «sincera e profundamente que a boa acolhida, carinhosa e benevola deste livro será ex-

pontanea em todos os espiritos eleitos, delicados e sensiveis,» por conseguinte, implicitamente, que julgar mal d'elle é um homem mostrar-se sem sensibilidade, grosseirão e commum.

Acho que o sr. Sampaio Ferraz tem razão. Ao meu ver, é justamente o que merece este livro: é uma «acolhida carinhosa e benevola». Elle é o attestado de um espirito intelligente e sympathico, provavelmente um talentoso representante das nossas lettras amanhã.

Seus versos são lançados com bravura; o auctor se exprime com certa naturalidade e intellectualmente é um moço sympathico. Quer dizer — não tem extravagancias de mau gosto nem revela aborrecidos aspectos.

Mas ainda não se pôde afirmar que elle seja um verdadeiro poeta. Ha no sr. Odilon Nestor uma tendencia muito pronunciada para a philosophia, para as coisas do pensamento propriamente dito. Por outro lado, pelo menos a estes versos de agora parece que lhes falta a qualidade mais essencial á verdadeira poesia, — o poder da suggestão, — esse *quid* indefinivel que é a alma do verso e a razão da sua indiscutivel superioridade como instrumento para exprimir emoções.

Pôde ser que amanhã o sympathico estréante se ache melhor na prosa ou então venha a desenvolver-se de um modo mais completo em outro volume de versos que nos dê.

Parece-me bastante caracteristico das suas tendencias o bonito soneto que transcrevo, intitulado *O homem*:

Algo tem de assombroso o seu trabalho in-
[gente,
evoluindo através dos tempos, das edades...
desde o fundo das rochas ás actuaes cidades,
desde a era de bronze á epocha presente.

Deslumbra e maravilha essa criação potente,
que se desdobra ufana em tantas variedades!
O immenso cabedal das cultas sociedades
foi o homem quem fez, lutando heroica-
[mente!

E a si mesmo se fez — inquebrantavel, forte!
Votado a tanta dor, sujeito á ignota e rude
oscillação fatal do pendulo da sorte!...

Grande, sublime ser, que a propria dor il-
[lude!
Que, entre o vagir do berço e o estertorar da
[morte,
edificou a sciencia, as artes e a virtude!

«POESIAS», POR JOSÉ ARTHUR DA ROCHA FROTA. — TYPOGRAPHIA DOS «ANNAES». — RIO DE JANEIRO. — 1906.

Sei que o volumezinho de que vou falar foi impresso aqui no Rio, na excellente typographia desta revista, mas

que o poeta é da provincia, e por lá vive, pelo menos actualmente, na paz daquelles horisontes, que dão menos febre, mas por isso mesmo permitem á mocidade uma ventura mais legitima e sã.

Está-se vendo que estes versos por lá fôram compostos, no atrazo natural da hora, a respeito de modas. Si o sr. Frota tivesse recebido o influxo que determinou esta collectanea aqui no Rio, não teria a lembrança de imitar Gonçalves Dias e outros romanticos, não só na visão que lhes é propria como na especie dos metros por elles preferidos. Até na litteratura de modinhas que se vende aqui nos pontos dos bondes de S. Christovam e Catumbý, — *A mãe que assassinou seu proprio filho, Margarida vêe á fonte*, e outras que taes, — até ali já se encontram renegados aquelles versos de onze syllabas, como os de nove e ainda os de quatro, que o jovem poeta cearense ainda adopta neste seu livro.

Note-se, eu não digo isto para censurar propriamente, digo para caracterizar a obra, mesmo porque, no volume do sr. Rocha Frota prefiro muitas vezes as poesias feitas nesses metros caducos (a primeira, por exemplo, na série, é bem bôa), — a outras lançadas em alexandrinos, que elle não compõe com a malleabilidade e a graça capazes unicamente de tornal-os supportaveis em portuguez.

Feita a referencia a esta questão do metro, direi que o voluminho é cheio de altos e baixos; não seria de todo desapropriado comparal-o a um terreno vulcanico. Ha nelle produções que revelam um moço bastante intelligente e de certa seriedade mental, outras tão galhofeiras que chegam a ser de máu gosto, ás vezes até mesmo um poucachito infantil, e, quando não são chocarreiras, de um sentimentalismo piégas, de um enthusiasmo desarrazoado.

Vê-se que o sr. José Frota é uma individualidade em formação, uma nebulosa que se deve qualificar por enquanto apenas com um ponto de interrogação antes de quem espera do que de quem descreve...

NUNES VIDAL.

—
—
O ALMIRANTE (87)
—
—

ROMANCE POR DOMINGOS OLYMPIO

—
—
CAPITULO XXVIII

— Bem — concluiu ella, dispondo-se a partir, ageitando o chapéo sobre os cabellos revoltos e calçando depois as luvas — Não te perturbarei mais com a minha presença. Tem pena de mim e perdôa-me, Hortencia. Eu não sou

má como supões. E' verdade; ia-me esquecendo.

E, num gesto natural, Dolores tirou do seio uma carta que offereceu a Hortencia.

— Antes de partir, elle pediu-me para te entregar esta carta...

— Para mim? — inquiriu Hortencia, hesitando.

— Sim, para ti — tornou Dolores, insistindo.

Hortencia, como si obedecesse a uma fascinação, estendeu a mão tremula automaticamente, tomou a carta, conchegou-a ao seio com ternura e, num movimento brusco, despedaçou o envelope, leu-a avidamente, pronunciando as palavras em voz sumida, entrecortadas pelas convulsões do seio arquejante.

Nesse momento, Oscar appareceu no pequeno salão do piano, estacando surprehendido pela presença de Dolores.

— A senhora!?... — exclamou elle.

— Vim dar-lhe parabens — respondeu Dolores, com firmeza — Sómente hoje pude cumprir este dever...

Oscar apertou friamente a mão de Dolores, sem tirar os olhos de Hortencia, confusa, humilhada, a tremer de susto.

— Ia retirar-me — disse Dolores, recuzando a cadeira que Oscar lhe indicava — quando chegou. Já conversámos muito; voltarei... Bem sabe que não sou de cerimoniaes. Vou ter com o Dadá, que deve estar com a marqueza.

Readquirindo as maneiras graciosas, Dolores envolveu Hortencia num abraço, beijou-lhe ternamente as faces, murmurando-lhe ao ouvido algumas palavras e, ao despedir-se de Oscar, disse-lhe em tom de ironia, fulminando-o com sobranceiro olhar de ameaça:

— Senhor almirante...

Após alguns instantes de vacillação, Hortencia avançou com passo firme para Oscar e estendeu-lhe a carta amarrotada.

— Não... — disse Oscar, com um ligeiro gesto de recusa — Não tenho ainda o direito de ler as tuas cartas. Conho absolutamente na tua lealdade. Quizera, entretanto, merecer de ti um favor especial... Desejaria que evitasses a intimidade dessa senhora...

— De Dolores?... inquiriu Hortencia — Eras tão amigo della que julguei não fazer mal recebê-la...

— Todos somos amigos dessa creatura...

— Mais infeliz do que má...

— Pôde ser... Nós mantemos relações qualificadas de amizade com muita gente que não poderíamos

admittir na intimidade do nosso lar, si é que eu posso falar assim. Dolores será uma infeliz, mas... será uma medida de prevenção para ti evital-a...

— Que tens a dizer contra ella?... —

— Eu... — respondeu Oscar, confuso, hesitando a cada palavra — nada tenho de que arguil-a. Ella é victima da maledicencia, que ella justifica com suas maneiras desenvoltas...

— Não havias ainda notado isso?... observou Hortencia, com ligeira entonação de maguada ironia. Não a recebe na intimidade a marqueza? E tu mesmo não a tratavas com muita consideração, com muito carinho?... Donde vem agora essa incompatibilidade?... —

— Eu não te posso explical-as — retorquiu Oscar, com accentuada impaciencia — Ha no passado dos homens accidentes, factos, que elles não pôdem, não devem communicar ás esposas, que devem ignorar o que elles fôram e considerar sómente o que elles são, desde o dia em que se tornaram chefes de familia. Eu nada tenho com o teu passado, aliás decorrido á minha vista, desde a tua infancia. E por assim pensar não quizer essa carta que agitou toda a minha curiosidade de esposo... apaixonado. Os teus segredos de moça devem ser respeitados. Da mesma fórma, debes respeitar os meus...

Após rápida pausa, Oscar continuou, num tom de supplica enternecida:

— E' tão facil; custa pouco te esquivares á convivencia dessa mulher... Ao vel-a contigo, apertou-se-me o coração como na imminecia de um perigo... Será isso um presentimento absurdo, uma prevenção sem fundamento? Não indagues a razão disso, Hortencia: basta saberes que me mortifica atrozmente a tua intimidade com aquelle senhora...

— Assim me auctorizas a suspeitar, ser verdade o que se dizia, o que ella acaba de confessar...

— Que te disse ella? — exclamou Oscar, firmando na esposa olhos accesos de indignação.

— Disse-me — affirmou Hortencia, serenamente — que te amava...

— Ella te disse isto? Bem vêes que tenho razão para suspeitar...

(Continúa)

MONUMENTO DO CONGRESSO

O projecto de construcção de um edificio monumental para o Congresso é uma infracção evidente do preceito constitucional que determinou fôsse reservada no planalto central uma área para o Districto Federal, onde se deve estabelecer a Capital da Republica.

A maioria parlamentar que votou esse projecto é accendradamente anti-revisionista; prefere ir golpeando a Constituição, a largos talhos, a reformal-a legalmente conforme as lições da experiencia, muito eloquentes.

O Congresso transformou o provisorio em definitivo: não ha remedio sinão obedecer á lei, que será duramente absurda, mas é lei em via de execução.

As mezas do Senado e da Camara chamaram, como se sabe, á concorrência profissionaes, cujos projectos estão expostos na Associação dos Empregados no Commercio, como consulta á opinião publica, medida digna de todos os encomios.

Vê-se que *Helo* se preocupa mais com a harmoniosa elegancia das linhas do conjuncto do que com a ornamentação dos detalhes, sem abandonar, todavia, as lições classicas dos grandes mestres, dando um tom original e moderno ao seu bello projecto, que prima ainda na disposição interior, realizando todas as exigencias de commodidade, de independencia dos tres grandes centros de reunião da Camara, do Senado e do Congresso, sem pre-



O projecto convertido em lei com a sancção do sr. presidente da Republica, denota que o Poder Legislativo e o Executivo estão dispostos a manter no Rio de Janeiro a Capital Federal, evitando o exilio nas apraziveis campinas do planalto central, exilio que elles reputam injusto, impraticavel, attentatorio do conforto, de conveniencias, da utilidade que os «paes da patria» jámais encontrariam no ermo selvagem dos decantados sertões de Goyaz.

Do exame dos projectos expostos, resulta, sem contestação possivel, a preferencia do que está assignado por *Helo*, projecto vasto, elegante e sobrio, no qual se harmonizam admiravelmente a imponencia de um edificio monumental desse genero, evitando o logar commum das cupolas, de que tanto se tem abusado nas ultimas construcções da cidade, e a monotonia desgraciosa das galerias e das fachadas em declive.

judicar a facilidade de communicações.

Não quer isso dizer que não consideremos dignos de menção os outros projectos, que abonam honrosamente os seus auctores como architectos que pôdem competir com os artistas das nações mais cultas.

Resta saber si a justiça do julgamento desse importante concurso responderá ao *veridictum* da opinião, claramente favoravel ao projecto de *Helo*.

SCIENCIA E INDUSTRIA

Novo methodo de determinar os elementos da orbita da Terra. — O professor Kustner e a estrella Arkturus.

O professor Kustner, director do observatorio de Bonn, empregou um methodo spectrographico para determinar os elementos da orbita da Terra.

Todo o movimento que se effectua no espaço universal, acompanhado por um crescimento ou decrescimento da distancia entre um observador terrestre e um astro determinado, produz uma deslocação das linhas spectraes do ultimo, deslocamento regulado pelo principio de Doppler. Assim se verifica que certas estrellas fixas se approximam continuamente do systema solar, ao passo que outras delle se afastam incessantemente, conforme as linhas spectraes, dadas pela comparação com as dos elementos chimicos, se deslocam, quer para o azul-violeta, quer para o vermelho. Esses deslocamentos são periodicos no caso de certas estrellas chamadas — duplas spectroscopicas.

Nessas determinações, convém considerar que a Terra, gyrando em torno do Sol com a rapidez de cerca de trinta kilometros por segundo, produz um periodo annual no deslocamento dessas linhas; nas determinações mais precisas é necessario ainda considerar a rotação da Terra em torno do seu eixo, si bem que ella seja extremamente lenta, mesmo no equador, comparada com a rapidez da luz.

O professor Kustner utiliza esses phenomenos para determinar os elementos da revolução da Terra, sobre a base das mudanças periodicas do deslocamento das linhas de certas estrellas. Era preciso, para isso, escolher astros situados em proximidade sufficiente do plano da orbita da Terra para experimentar mudanças periodicas do deslocamento e que fôsem, além disso, de bastante intensidade luminosa. O espectro dessas estrellas deveria, emfim, contar uma série de linhas apropriadas.

Essas condições se encontraram tão satisfactorias em *Arkturus* que Kustner resolveu se servir de uma série de observações feitas sobre o espectro desse astro (análogo a um sol) para determinar a rapidez da revolução da Terra. As placas photographicas obtidas, em numero de 18, entre 24 de junho de 1904 a 15 de janeiro de 1905, fôram expostas uma hora antes da passagem do astro pelo meridiano, no verão, e um pouco antes do alvorecer, no inverno. Era indispensavel empregar precauções muito especiaes, realizando o espectro do ferro como termo

de comparação. Escolhendo 16 linhas do ferro, fôram regeitadas as linhas duplas e as acompanhadas de satelites de fraca intensidade.

As linhas spectraes fôram medidas sobre cada uma das placas sob o microscopio. Esses calculos, baseados sobre a rapidez relativa da Terra em relação ao referido astro, rapidez resultante dessas medidas, são relativamente simples. Devem-se mais considerar as perturbações produzidas pela revolução da Lua em torno da Terra, assim como as devidas á influencia sobre o Sol, como a do poderoso planeta Jupiter, para conseguir resultados precisos. Não convém, do mesmo modo, desprezar, nos calculos de alta precisão, as perturbações produzidas por Saturno.

A constante da rapidez da Terra se encontra igual a 26.617 kilometros por segundo, com um erro provavel de + 0,057 kilometros. Como o deslocamento das linhas dá a relação da rapidez da Terra com a da luz, esse algarismo implica uma hypothese em relação á ultima: o valor adoptado por Kustner é o que, dando as determinações physicas mais recentes, a saber: 299.865 kilometros, com um erro provavel de + 26 kilometros.

Essas medidas dão igualmente a parallaxe do Sol — o angulo sobre o qual o raio da Terra apparece delle a distancia média dos dois astros: o algarismo achado é de 8,844 segundos, um pouco superior ao valor geral adoptado — 8,80 segundos.

Encontra-se, emfim, a rapidez com que *Arkturus* se aproxima do systema solar; o valor determinado por Kustner é de 4,85 kilometros por segundo.

Essas determinações da parallaxe do Sol por meio de medidas spectrographicas são ainda mais notaveis por constituirem um novo laço entre as manifestações astrophysicas e astrometricas, laço que tenderá, sem duvida, a reunir esses dois ramos da astronomia, cuja tendencia era de afastarem, cada vez mais, um do outro.

* *

Novo alimento artificial. — Descoberta do dr. Fisher, celebre chimico allemão. — Experiencias concludentes.

Os alimentos se distinguem, em geral, em corpos gordos, hidratados de carbono e substancias potreicas ou albuminoides, sendo a composição chimica dos corpos gordos muito conhecida, graças aos trabalhos de Chevreul. A dos hydratos de carbono, principalmente das saccharoses, foi mais recentemente estudada pelo dr. E. Fisher, de Berlim, cujas descobertas lhe conquistaram um premio Nobel.

O mesmo sabio acaba de fazer investigações importantes sobre os proteides, que tinham, até agora, escapado quasi completamente, á chimica analytica.

A solução desse problema offerece um grande interesse, da mesma forma que tudo quanto concerne á questão dos alimentos plasticos ou respiratorios.

O celebre chimico allemão tomou por ponto de partida de suas investigações a theoria seguinte: a molecula proteica dá por divisão, como producto, uma peptona contendo as mesmas propriedades da substancia de que ella procede. A peptona subdividida, por sua vez, fornece amino-acidos que, contendo azoto como proteides e as peptonas, representam o seu papel na digestão ao lado dos hydratos de carbono, de hydrogenio, de oxigenio.

No alimento albuminoide, esses elementos indispensaveis se acham reunidos; devem-se encontrar, igualmente, no alimento artificial, que deve, por conseguinte, agir no organismo humano como alimento natural.

Sobre estes principios se apoiou o dr. Fisher.

O desdobramento da molecula proteica por hydrolyse permittiu-lhe preparar grande numero de peptonas e obter assim amino-acidos que, ao principio, limitados a nove, augmentaram até setenta. As experiencias começaram com um apenas, ao qual se juntaram outros, depois, successivamente, a série. De observação em observação, o processo secreto da natureza no trabalho physiologico, se revelou sob o olhar attento do chimico. Os compostos realizados eram soluveis n'agua, insoluveis no alcool, seu gosto amargo e outros caracteres correspondiam aos da peptona, se digerem como alimentos de origem natural, animal ou vegetal, a chimica do corpo humano transformando-os em substancias mais simples, podendo-se assimilarem de maneira a contribuirem para a renovação dos tecidos e para a produção do calor interno.

As diversas reacções do alimento artificial são identicas as da peptona. Esse novo elemento foi denominado *polypeptido* e com elle se nutriram, exclusivamente, cães conservados á vista durante quinze dias no laboratorio do Instituto Chimico de Berlim, dirigido pelo professor Fischer. Esses animaes se conservaram em perfeito estado de saúde, completamente normal, sem deperdição de forças e pezo.

As experiencias pôdem ser consideradas concludentes e é provavel que o polypeptido entre brevemente no consumo ordinario.

Laranjas da California. — A produção da variedade brasileira *Navel*. — A quanto monta a exportação.

A catastrophe da California não occasionára consideravel prejuizo ao commercio de laranjas e, agora, passado o perigo, continuará a exportação como de costume no mez de junho, que é a grande estação da colheita que começou em novembro para attingir o maximo em janeiro e fevereiro.

A introdução na California da variedade brasileira, conhecida pelo nome de *Navel*, deu enorme desenvolvimento á exportação desse fructo, que ha quarenta annos faz temivel concorrência aos similares europeus.

Em 1883, havia no Estado da California limitado numero de laranjaes, cuja cultura se desenvolveu tanto que representa actualmente uma renda de setenta milhões de francos.

Nella se empregam operarios estranhos á California, americanos do norte mexicanos, chinezes, portuguezes, etc.

Antes da expedição, as laranjas passam por um banho de asseio, sendo depois seccadas ao sol, divididas em qualidades — excellentes, boas, imperfeitas, grandes, médias, pequenas.

Em 1904, a exportação foi de 10 milhões de caixas, não somente para os mercados americanos como para os estrangeiros.

**

Falsas appendicites. — Erros vulgares e perigosos. — Demonstrações do prof. Dieulafoy, do Hôtel Dieu de Paris.

O eminente professor de clinica do Hôtel Dieu de Paris, Dieulafoy, fez, a 29 de maio ultimo, uma interessante comunicação á Academia de Medicina sobre a confusão, muito vulgar, entre a appendicite e a molestia do intestino, denominada typhlocolite mucosa-membranosa.

Em trabalhos anteriores, elle demonstrára os diversos aspectos dessa molestia, caracterizada por períodos de constipação e diarrheia, em cujo curso o doente verifica nas dejecções, mucosidades, uma especie de clara d'ovo, pelles e areia, — affecção que determina dolorosas crises abdominaes, algumas vezes localizadas na fossa illiaca direita, simulando appendicite. Dahi a necessidade de um cuidadoso diagnostico para distinguir essas crises dolorosas de typhlocolite da verdadeira appendicite, cuja concorrência no mesmo doente é rarissima excepção, não sendo a appendicite consequencia nem terminação da typhlocolite.

O professor Dieulafoy fôra, nos ultimos annos, impressionado pela quantidade de pessoas atacadas de typhlocolite membranosa ou arenosa, indevidamente operadas de appendicite, erro

de diagnostico aggravado pela intervenção cirurgica em incessante progressão. Elle persiste, todavia, partidario da operação, antes da aggravação da appendicite verdadeira, como unico meio racional e efficaç de cura.

Toda e qualquer correspondencia relativa aos ANNAES deve ser dirigida ao secretario, o sr. Walfredo Ribeiro.

XADREZ

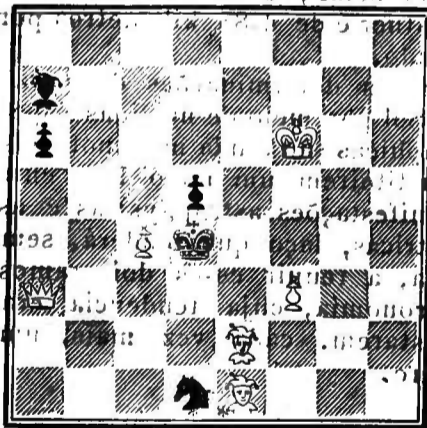
TORNEIO DE AMADORES

Provavelmente teremos no Club dos Diarios, em julho, um torneio de xadrez entre amadores. A idéa é daquellas que só merecem applausos: é este o melhor meio de desenvolver o gosto pelo xadrez e de revelar vocações. Em geral, o jogo, quando não estão os amadores empenhados em uma prova séria, é tratado com um tal ou qual desleixo. Mesmo os fortes amadores, nas partidas communs, de pura distracção, desdenham de seguir, á risca, os preceitos tão recommendados por Benjamin Franklin e fazem um jogo de palpite, sem reflexão e sem logica. Depois os *perus*, tão magnificamente descriptos pelo nosso collega do *Paiz*, transformam o duetto em um côro informe de opiniões, ás vezes as mais disparatadas. Assim, os torneios teem, pelo menos, a vantagem de restituir ao jogo a sua dignidade.

PROBLEMA N. 53

F. Mendes de Moraes Filho

PRETAS (5)



BRANCAS (6)

Male em dois lances

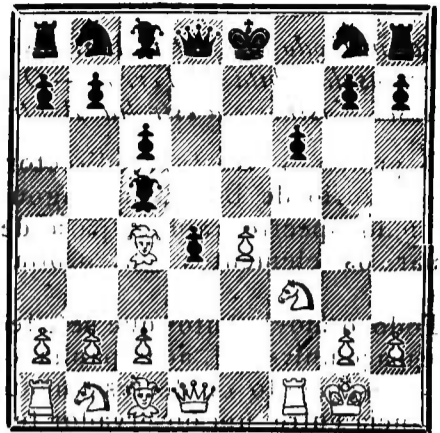
PARTIDA N. 59

(Jogada no torneio nacional russo a 9 de janeiro de 1906)

DEFEZA KANN

Brancas	Pretas
(E. Levitski)	(E. Isbinski)
P 4 R	P 3 B D
P 4 D	F 4 D
P 3 B R (a)	P X P (b)
P X P	P 4 R
C 3 B R	P X P
B 4 B D	B 4 B D
Roque	P 3 B R (c)

Depois do Lance das Pretas



C 5 R!	— 8 —	P X C
D 5 T R x	— 9 —	R 2 D
D X P R	— 10 —	B 3 D
D X P Q x	— 11 —	C 2 R
B 5 C R	— 12 —	R 2 B
T 7 B R	— 13 —	T 1 R
P 5 R	— 14 —	B 4 B D
C 2 D	— 15 —	P 3 T R
B 4 T R	— 16 —	P 6 D x d.
R 1 T	— 17 —	P X P
C 3 C D	— 18 —	B 5 C D (d)
P 3 T D	— 19 —	P 4 C D
P X B	— 20 —	P X B
C 5 B D	— 21 —	D 8 D x
T 1 B R	— 22 —	D 5 C R (e)
D 7 B R	— 23 —	D X B
D X T	— 24 —	C 2 D
P 3 C R	— 25 —	D 5 C R
D 7 R X C	— 26 —	D 7 R
P 6 R	— 27 —	D 4 R
D 7 B R	— 28 —	D 4 D x
R 1 C	— 29 —	D 5 D x
R 2 C	— 30 —	D X P
R 3 T	— 31 —	D X P
P X C	— 32 —	D X C
P X B (f. D.) x. dp.	— 33 —	R X D
T 1 R	— 34 —	abandon. (f)

- (a) Lance novo que não é melhor nem peor do que o natural 3 — P 3 B D.
- (b) Fraco. Era preciso jogar 3... P 3 R.
- (c) E' já difficil indicar uma continuação satisfactoria.
- (d) E' indispensavel que este B. fique tanto tempo quanto possivel na diagonal 6 T D — 1 B R. Si 18... D 8 D x, 19 — T 1 B R.
- (e) Si 22... D 1 D, 23 — P 6 R e o ataque das Brancas deve triumphar.
- (f) Levitski conduziu toda esta partida de um modo correcto e bellissimo. (Nath de Lavine.)

F. MENDES DE MORAES FILHO. — Seus problemas são sempre magnificos. Os que nos enviou desta vez não fazem excepção á regra. Agradecidos.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N. 52 (H. de Barros e Azevedo): B 3 B D.

JOSÉ GETULIO.

RECEBEMOS:

«Sabres e Tegás: a autonomia judicante militar», pelo advogado Helio Lobo.
 — «Quarto volume dos boletins da Sociedade de Medicina e Cirurgia de Jutz de Fôra, de janeiro a junho de 1905», pelos drs. José Nava e José Raugel, seus redactores.
 — «O Brazil e o pan-americanismo» por um ex-monarchista; officinas da livraria Americana; Rio Grande, 1906.